

# **La Mettrie: o projeto da recondução da alma à matéria**

**Dissertação de Mestrado em Filosofia**

**Abril 2022**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à  
obtenção do grau de Mestre em Filosofia, realizada sob a orientação científica  
da Professora Doutora Marta Mendonça

## Dedicatória pessoal

«Tu importas porque és tu ...  
...e vais ser importante até ao fim da vida!»

Cicely Saunders

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer à Faculdade Ciências Sociais e Humanas a disponibilização dos professores que tive durante este tempo de formação. Agradeço o esforço de cada um e, em particular quero agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Marta Mendonça o facto de ter aceiteado o desafio de me orientar neste projeto.

## RESUMO

### LA METTRIE: O PROJETO DA RECONDUÇÃO DA ALMA À MATÉRIA

Flora Adelaide de Abreu Teixeira e Costa

**PALAVRAS-CHAVE:** alma, homem, homem-máquina, La Mettrie, matéria.

Julien Offray de La Mettrie foi um iluminista francês, médico e filósofo do século XVIII. A obra em que apresenta o seu pensamento filosófico estruturado é a *Histoire naturelle de l'âme*, mas é em *l'Homme machine* que procura explicar toda a operatividade humana através da matéria.

A filosofia de La Mettrie enquadra-se no materialismo e pretende fornecer uma explicação unificada do ser humano em continuidade com aquilo que podemos conhecer da natureza corpórea. La Mettrie pretende reconduzir a alma à matéria provando que o princípio que coloca em movimento um corpo humano é o mesmo que explica as sensações e a complexidade do pensamento intelectual; dessa forma, e por consequência, ficará provado que a alma não é nem a matéria nem os corpos, mas apenas um ente de razão.

Para La Mettrie, o estudo da alma humana só pode ser realizado através dos seus efeitos, ou seja, através das propriedades manifestadas nos corpos, e os guias para esse estudo são apenas os sentidos, pois só por eles temos acesso às manifestações da alma nos corpos. O autor afirma que a matéria deverá ser considerada quer como um princípio ativo, possuindo dentro de si mesma a força de se mover e de ser a causa imediata de todas as leis do movimento; quer como um princípio passivo, por possuir em si em potência todas as formas que poderá vir a adquirir.

Para o autor, não existe distinção entre a alma racional e a sensível; nem entre a alma e a matéria ou ainda entre a alma e o corpo que ela habita: todas essas realidades são a mesma coisa.

A observação da natureza conduz a afirmar que existe uma gradação suave na complexificação da matéria, que a essa complexificação corresponde um aumento de necessidades e que a menos instinto corresponde mais inteligência.

O homem é semelhante ao animal: assim o atesta a anatomia comparada dos nossos órgãos. O que nos distingue são essencialmente duas coisas: o maior número de necessidades a satisfazer, resultante de uma maior organização da matéria, e a nossa menor dotação instintiva. A natureza colmata esta dificuldade dotando o homem de pensamento. Assim, constituindo a organização da matéria uma primeira vantagem do homem, a segunda é a instrução.

Há, assim, uma proporcionalidade direta entre necessidades e pensamento ao mesmo tempo que existe uma proporcionalidade inversa entre instinto e pensamento. O que complexifica a matéria é a organização e a funcionalidade dos órgãos. As necessidades do organismo são, portanto, efeito dessa complexificação, dessa auto-organização da matéria. Quanto mais necessidades tem o organismo mais meios requer para as satisfazer, sendo o meio por excelência o instinto. Ao ser humano, paradoxalmente com muitas necessidades e pouco instinto, a natureza dotou-o de pensamento que substitui o instinto. Esta é, no entender de La Mettrie, a sua maior descoberta, a saber: aquilo que produz o pensamento é o aumento das necessidades de um organismo e uma simultânea diminuição do instinto.

## ABSTRACT

### LA METTRIE: THE PROJECT OF RECONDUCTING THE SOUL TO MATTER

Flora Adelaide de Abreu Teixeira e Costa

KEYWORDS: La Mettrie, man, machine man, matter, soul.

Julien Offray de La Mettrie was an 18th century French enlightenment physician and philosopher. The work in which he presents his structured philosophical thought is *Histoire naturelle de l'âme*, but it will be through *l'Homme machine* seeks to explain all human operativity through matter.

La Mettrie's philosophy falls under materialism and aims to provide a unified explanation of the human being in continuity with what we can know about corporeal nature. La Mettrie intends to bring the soul back to matter by proving that the principle that sets a human body in motion is the same one that explains sensations and the complexity of intellectual thought, this way, and therefore, for the author is to be proven that the soul is neither matter nor body, but only an entity of reason.

According to La Mettrie, the study of the human soul can only be accomplished through its effects, that is, through the properties manifested in bodies, and the guides for this study are only the senses, because only they have access to the manifestations of the soul in bodies. The author states that matter should be considered either as an active principle, possessing within itself the power to move and to be the immediate cause of all the laws of motion; or as a passive principle, for possessing within itself in potency all the forms it may come to acquire.

Furthermore, La Mettrie argues that there is no distinction between the rational and the sensitive soul; nor between the soul and matter, or even between the soul and the body it inhabits: all these realities are the same.

His observation of nature leads him to affirm that there is a smooth gradation in the complexification of matter, to which corresponds an increase in needs that instinct will try to satisfy. To less instinct corresponds to more intelligence, which is the mean nature provides an organized body to satisfy their needs.

Man is similar to the animal: as attested by the comparative anatomy of our organs. What distinguishes us? Essentially two things: the greater number of needs to be satisfied, resulting from a greater organization of matter, and our lesser instinctive endowment. How does nature overcome this difficulty? By endowing man with thought. Thus, since the organization of matter constitutes a first advantage of man, the second is instruction.

There is thus a direct proportionality between needs and thought while there is an inverse proportionality between instinct and thought. What complexifies matter? The organization and functionality of the organs. The needs of the organism are, therefore, the effect of this complexification, this self-organization of matter. The more needs the organism has, the more means it requires to satisfy them, the mean by excellence is instinct. To the human being, paradoxically with many needs and little instinct, nature has endowed him with thought which replaces instinct.

This is La Mettrie's greatest discovery: what produces thought is the increase in an organism's needs and a simultaneous decrease in instinct.



## ÍNDICE

Introdução .....	1
Capítulo I: O projeto da recondução da alma à matéria .....	6
I. 1. Introdução da problemática .....	6
I. 2. A recondução da alma à matéria.....	7
Capítulo II: O pensamento de La Mettrie .....	20
Capítulo III: Discussão .....	26
III. 1. A argumentação de La Mettrie .....	26
III. 2. O conceito de natureza. ....	32
III. 3. O papel da analogia .....	33
Conclusão.....	38
Bibliografia .....	42

## LISTA DE ABREVIATURAS

AS - *Abrégé des systèmes*

DP - *Discours préliminaire*

HM - *l'Homme machine*

HNA - *Histoire naturelle de l'âme*

HP - *l'Homme plante*

OP - *Ouvres philosophiques*

SE - *Système d'Épicure*

## INTRODUÇÃO

Julien Offray de La Mettrie foi um influente pensador iluminista francês, médico e filósofo, que viveu no século XVIII, entre os anos 1709 e 1751. Ficou mais conhecido pela sua obra *l'Homme machine*, cujo interesse permanece até aos dias de hoje.

O seu papel como filósofo, pelo aparente interesse exclusivo que manifestou pela biologia, talvez tenha sido um pouco esquecido e La Mettrie tenha vindo a ser considerado ao longo dos séculos como uma figura menor da filosofia, apenas com mais interesse para o campo específico da história das ciências. Na verdade, teve um papel significativo na evolução do cartesianismo. Segundo Campbell, que faz ainda referência aos trabalhos de outro comentador deste autor, Vartanian, La Mettrie completa a última fase do sistema dualista de Descartes, transformando-o num materialismo monista compatível com a biologia<sup>1</sup>.

Em termos biográficos pode-se referir que a primeira parte da vida de La Mettrie é relativamente tranquila: obtém o diploma de médico no ano de 1728 em Reims, depois de ter iniciado, sem a levar a cabo, uma carreira de eclesiástico. Exerce medicina em Saint-Malo, sua terra natal, até 1733. No entanto, sentindo que a sua formação é frágil, nesse ano muda-se para a Holanda, onde trabalha com Herman Boerhaave (1668-1738), professor de química e médico, célebre em toda a Europa. Aí permanece até à morte deste em 1738. Durante este período traduz várias obras do seu mestre, sendo a primeira uma tradução do trabalho *Système de H. Boerhaave sur les maladies vénériennes*, publicado em 1735.

As obras de La Mettrie no campo da medicina são, entre outras : *Traité du vertige* (1737), *Nouveau traité des maladies vénériennes* (1739), *Observations de médecine pratique* (1742). No ano de 1742 regressa a França e em Paris torna-se médico militar e de campanha, graças ao duque de Grammont. Nesse ano acompanha o duque na chamada Guerra da Sucessão austríaca. Talvez tenha sido a partir destas suas experiências, quer como médico quer a partir da sua auto-observação como paciente, que La Mettrie se tenha apercebido de quão vívida é a ligação entre a vida mental e a vida física, ligação que terá grande importância nos seus trabalhos filosóficos<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Cf. Campbell, B., (1970). The robot and the automaton. *Journal of the history of the ideas*, vol. 31, nº14, pp. 555-572.

<sup>2</sup> Cf. Philip H. G., (1967). The nature of man or man's place in nature? Bruno, Spinoza, and La Mettrie. *The Journal of General Psychology*, vol. 76:2, pp. 183-192. doi: 10.100/00221309.1967.97103883.

É no ano de 1745 que tem início a produção da maioria das suas obras filosóficas, passando a publicar essencialmente textos filosóficos e de sátira. Como homem das ciências, manteve-se atento às mais recentes descobertas científicas. Uma dessas descobertas, que teve algum impacto sobre La Mettrie e que o autor referirá várias vezes na sua obra filosófica, é a descoberta de Abraham Trembley sobre a reprodução assexuada das hidras, uma espécie animal do género *Hydrae*<sup>3</sup>. De facto, é um organismo ainda hoje muito estudado por não envelhecer, uma vez que possui um mecanismo único que permite uma renovação celular constante. A sua formação científica fê-lo permanecer sempre impressionado com aquela descoberta, que resolveu remeter para o campo filosófico, usando-a para sustentar, por exemplo, a existência de um contínuo na complexificação da matéria, ou até esgrimir a existência de uma causa primeira do universo<sup>4</sup>.

É também nesse ano de 1745 que tem início o período mais conturbado da vida de La Mettrie. Estreia-se na filosofia com a publicação da obra *Histoire naturelle de l'âme*<sup>5</sup>, que apresenta como se se tratasse do trabalho de um autor anónimo. Esta obra, a partir do ano de 1750, será publicada sob o título de *Traité de l'âme*. Logo após a publicação desta obra, e em vista das reações negativas que o texto provoca, publica uma sátira sobre a sua profissão com o título *La politique du médecin de Machiavel*<sup>6</sup> onde ataca os principais médicos da época.

Em 1746, o parlamento em Paris condena a *Histoire naturelle de l'âme*. A reação às suas obras é tão adversa que é forçado a procurar o exílio, primeiro em Middelbourg e depois em Leiden. Seguem-se a publicação em 1746 da obra *La Volupté* e em 1747 *l'École de volupté e l'Homme plante*.

Mantém uma longa controvérsia com os seus opositores, entre os quais se encontra o seu principal adversário, o famoso naturalista Haller, um poeta e professor de medicina

---

<sup>3</sup> É interessante registar que no ano 2010 foi publicado na importante revista *Nature*, o artigo «The dynamic genome of Hydra», que tornava público o genoma da Hydra. Cf. Chapman, J., Kirkness, E., Simakov, O. *et al.* (2010). The dynamic genome of Hydra. *Nature*, **464**, 592-596. <https://doi.org/10.1038/nature08830>.

<sup>4</sup> Cf. HM, OP, 51 : « *Voiez à votre tour le Polype de Trembley ! Ne contient-il pas en soi les causes qui donnent lieu à sa régénération ?* » As citações de La Mettrie serão modernizadas ortograficamente.

<sup>5</sup> Cf. *Histoire naturelle de l'âme*, Traduite de l'anglois de M. Charp. Par feu Mr. H\*\* de l'Académie des Sciences. A La Haye, Chez Jean Neaulme, Libraire. MDCCXLV.

<sup>6</sup> *Politique du médecin de Machiavel, ou le chemin de la fortune ouvert aux médecins : ouvrage réduit en forme de conseils, par le docteur Fum-Ho-Ham & traduit sur l'original chinois, par nouveau maitre est arts de S. Cosme : première partie qui contient les portraits de plus célèbres médecins de Pékin*, A. Amsterdam, Chez les Frères Bernard, 1746.

da Universidade de Göttingen, a quem, sarcasticamente, dedica a que virá a ser a sua mais famosa obra, escrita na Holanda e publicada em 1748, *l'Homme machine*.

Será justamente através de *l'Homme machine* que procurará explicar toda a operatividade humana através da matéria. La Mettrie já era mal visto em França, mas a publicação deste trabalho polémico e dirigido ao público em geral granjeia-lhe também a hostilidade de teólogos e de filósofos holandeses. Assim, é obrigado a abandonar este país e a exilar-se de novo, desta feita em Berlim, em 1748. Data também do ano de 1748 a primeira edição de *l'Homme plus que machine*, texto de autoria duvidosa e que na segunda edição é atribuído ao seu editor, Elie Luzac. No ano de 1750, o prólogo de *l'Homme plante* é publicado de forma independente com o título de *Anti-Sénèque ou Discours sur le bonheur*. Em Berlim, conta com a proteção de Frederico II da Prússia e mantém-se junto dessa corte até à sua morte, em novembro de 1751, deixando mulher e filha<sup>7</sup>.

Por ocasião da sua morte é o próprio Frederico II da Prússia que escreve o elogio fúnebre do seu protegido, que será lido na Academia de Berlim<sup>8</sup>. Por seu turno, La Mettrie tinha dedicado ao Rei as suas *Œuvres de Médecine*<sup>9</sup>.

O primeiro elenco de obras filosóficas, amplo tendo em conta os escassos cinco anos de produção filosófica, foi publicado em 1751, ano da sua morte, e inclui seis memórias<sup>10</sup>.

Desde sempre que a filosofia se preocupa com questões tão fundamentais e importantes como sejam a noção de vida, a origem do pensamento e a natureza da alma humana. Muito embora estes temas nos toquem muito de perto, estão longe de ter sido claramente definidos ou de ter obtido uma resposta verdadeiramente esclarecedora ao

---

<sup>7</sup> Cf. Cardoso, A., Silvério Marques, M., Mendonça, M., (org.), (2016). La Mettrie ou a natureza sem margens. *Natureza, causalidade e formas de corporeidade*, pp. 237-260. Edições Húmus, Lda. ISBN : 978-989-755-254-0.

<sup>8</sup> *Éloge de M. Julien Offray de La Mettrie, ci-devant Médecin des Gardes Françaises, prononcé par sa Majesté le Roi de Prusse dans son Académie à Berlin*. MDCLIII.

<sup>9</sup> *Œuvres de Médecine*, de Mr. De La Mettrie, Dédiées au Roi, Chez Fromery à Berlin, MDCCLI.

<sup>10</sup> *Œuvres Philosophiques. A Londres, Chez Jean Nourse*, MDCCLI. As obras incluídas nesta primeira edição são as seguintes : *l'Homme machine*, *Traité de l'âme*, *Abrégé des systèmes*, *Les animaux plus que machines*, *Système d'Épicure*.

longo dos séculos. A razão reside sem dúvida na dificuldade que temos em apreender tais temas.

Em relação à noção de vida pode dizer-se que existem duas grandes e principais correntes, a saber: a aristotélica e a cartesiana. Todas as outras correntes de pensamento se podem compreender através destes dois paradigmas.

A noção de vida de Aristóteles está em conformidade com as observações da experiência, mas é indissociável da noção de alma. Já para Descartes, todos os fenómenos da vida se reportam ou à mecânica (substância extensa) ou à psicologia (substância pensante), não havendo lugar para uma noção de vida que não esteja sob a alçada de um ou de outro destes domínios. Para Descartes, ao contrário de Aristóteles, a biologia é concebida com base num modelo de física mecanicista<sup>11</sup>.

Por outro lado, inúmeras correntes tentaram compreender mais a fundo a questão da alma. Como exemplo, podem-se referir quer o racionalismo, quer o materialismo. Trata-se de correntes que se opõem frontalmente. Ao racionalismo pertencem importantes filósofos como Descartes, Espinosa, Leibniz e Malebranche. É uma corrente filosófica que estabelece que os conhecimentos válidos e verdadeiros acerca da realidade procedem não dos sentidos, mas da razão, ou seja, do próprio entendimento. Assim, na esfera do conhecimento, a filosofia racionalista do século XVII atribui à razão a função mais importante enquanto fonte e origem do conhecimento, negando essa função aos sentidos.

Por seu lado, a teoria materialista propõe remeter a explicação dos fenómenos «intelectuais» e morais à unidade da natureza material. A génese materialista é radical no sentido em que visa reconduzir não só a faculdade de pensar à matéria, mas também assegurar que a formação do próprio pensamento se dá a partir do corpo, ou seja, a partir da matéria<sup>12</sup>.

A filosofia de La Mettrie enquadra-se no materialismo e pretende proporcionar uma explicação unificada do ser humano em continuidade com aquilo que podemos conhecer da natureza corpórea (DP, OP, xv)<sup>13</sup>. La Mettrie pretende reconduzir a alma à matéria, provando que o princípio que coloca em movimento um corpo humano é o mesmo que explica as sensações e a complexidade do pensamento intelectual; dessa

---

<sup>11</sup> Cf. Pichot, A., (1993). *Histoire de la notion de vie*. Éditions Gallimard. pp. 7-8.

<sup>12</sup> Cf. Dumouchel, D., (2010). *Matérialisme et unité de l'être humain : le défi du dualisme cartésien chez La Mettrie et d'Holbach*. *Dialogue*, vol. 49, pp. 561-572. doi :10.1017/S0012217310000697.

<sup>13</sup> Cf. DP, OP, xv : « (...) écrire en Philosophe, c'est enseigner le Matérialisme ! »

forma, e por consequência, ficará demonstrado que a alma não é nem a matéria nem os corpos, mas apenas um ente de razão, totalmente carente de sentido.

O objetivo desta dissertação é estudar o empreendimento de La Mettrie desde as ideias iniciais que configuram os principais aspectos do seu materialismo, passando pela forma como expõe os seus argumentos. As obras que se terão em conta neste trabalho são: *Histoire naturelle de l'âme*<sup>14</sup>, uma vez que se trata da obra que estrutura o seu pensamento, *l'Homme machine* e *l'Homme plante*<sup>15</sup>, nas que se torna evidente uma grande unidade de pensamento, e que são ilustrações provocatórias das teses às quais tinha chegado na primeira obra referida. Vartanian, um dos maiores comentadores de La Mettrie, afirma que a *Histoire naturelle de l'âme* exhibe, em contraste com a desordem dos pensamentos expostos em *l'Homme machine*, a arquitetura convencional de um tratado metafísico<sup>16</sup>.

A presente dissertação divide-se em três capítulos. Um primeiro dedicado a analisar as principais propostas do autor e as teses que tornam plausível o objetivo da recondução da alma, quer dos animais quer do homem, à matéria. Um segundo capítulo, no qual se apresentará de uma forma sintética o pensamento estruturado e orgânico de La Mettrie. Um terceiro capítulo em que se discutirá a pertinência da argumentação do autor e se apresentarão já algumas conclusões. No final serão apresentadas as conclusões gerais do estudo. Este trabalho contou com algumas dificuldades. Uma delas teve a ver com a complexidade dos elementos que se pode encontrar na argumentação de La Mettrie. Esta questão será abordada no capítulo III. Ainda a modo de exemplo das dificuldades que o estudo de La Mettrie coloca, merece a pena referir a ironia, um recurso muitas vezes usado por La Mettrie, que torna dificultosa a tarefa de identificar quando é que este filósofo está a proclamar uma verdade a que julga ter chegado, quando é que está a falar de si e das suas ideias ou quando está a criticar um adversário.

Veja-se, a título de exemplo, a afirmação seguinte:

« (...) je prouve clairement, si je ne me trompe fort, (...) » (HNA, 43)

---

<sup>14</sup> Cf. *Histoire naturelle de l'âme*, Traduite de l'anglois de M. Charp. Par feu Mr. H\*\* de l'Académie des Sciences. A La Haye, Chez Jean Neaulme, Libraire. MDCCXLV.

<sup>15</sup> *Euvres Philosophiques A Berlin, chez Etienne de Bourdeaux, Libraire du Roy et de la cour, MDCCLI.*

<sup>16</sup> Cf. Vartanian, A., (1960). *La Mettrie's l'Homme machine. A Study in Origins of an Idea*, Princeton University Press, New Jersey, p. 41.

## Capítulo I – A recondução da alma à matéria

### I.1. Introdução da problemática

O trabalho de La Mettrie enquadra-se no contexto histórico-filosófico de uma revolução, a chamada revolução cartesiana. É no século XVII que aparece uma nova filosofia, um novo sistema de pensamento, através do qual o mundo, a alma e a vida serão analisados de uma forma inédita, oposta à da filosofia aristotélica. Descartes tem um papel crucial nesta revolução, na medida em que apresenta uma nova doutrina – o mecanicismo –, uma filosofia que procura estar em concordância com a mecânica de Galileu. A filosofia de Descartes é dualista, como foi referido anteriormente.

A explicação cartesiana da natureza do homem assenta sobre a existência de duas substâncias distintas e justapostas, a substância extensa ou extensão, que se identifica com a essência dos corpos, estando todos os fenómenos corpóreos relacionados com a mecânica, e a substância pensante que constitui a essência da alma humana, estando alojada no cérebro. Trata-se, portanto, de dois mundos totalmente separados que precisam de comunicar um com o outro<sup>17</sup>.

Para La Mettrie, os sistemas filosóficos que procuraram esclarecer a questão da alma humana são essencialmente dois, a saber: o espiritualista e o materialista<sup>18</sup>. No entender deste autor, Descartes contribuiu apenas para agravar a complexidade da questão, ao admitir, erradamente, que no homem existem as substâncias já referidas, uma espiritual e a outra material<sup>19</sup>.

Leibniz tentou unir aquilo que Descartes separou; no entanto, no entender de La Mettrie, o esforço deste filósofo foi no sentido incorreto, pois cometeu o erro de espiritualizar a matéria, em vez de materializar o espírito. Na verdade, cabe perguntar como podemos definir um ser cuja natureza nos é desconhecida<sup>20</sup>.

O empreendimento filosófico de La Mettrie terá como objetivo devolver a unidade à realidade do ser humano através, não da espiritualização da matéria, mas da

---

<sup>17</sup> Cf. Pichot, A., (1993). *Histoire de la notion de vie*. Éditions Gallimard, p. 303.

<sup>18</sup> Cf. HM, OP, 9 : « *Je réduis à deux, les systèmes des philosophes sur l'âme de l'homme. Le premier, et le plus ancien est le système du matérialisme ; le second est celui du spiritualisme.* »

<sup>19</sup> Cf. HM, OP, 10 : « *Ils (Descartes et tous les Cartésiens) ont admis deux substances distinctes dans l'homme, comme s'ils les avoient vues et bien comptées.* »

<sup>20</sup> Cf. AS, 223 : « *Comme on dit l'homme, et le monde de Descartes, on dit les monades de Leibniz, c'est-à-dire, des imaginations.* »

materialização da alma, isto é, pela sua recondução à matéria. Assim, contrariamente a Descartes e a Leibniz, a tese que sustenta na *Histoire naturelle de l'âme* é que tanto a extensão (matéria) como o movimento (vida) existem numa mesma substância corpórea e têm a sua génese nessa mesma substância corpórea.

Essa substância corpórea contém em si o princípio que põe em movimento um corpo, princípio esse que é o mesmo que explica as sensações e a complexidade do pensamento intelectual. Para La Mettrie, é a esse mesmo princípio motor que se deu vulgarmente e desde sempre o nome de *alma*. Desta forma, o autor sustenta que esta palavra carece de sentido e de conteúdo. No entanto, para o próprio La Mettrie é difícil não usar o termo *alma* no seu discurso escrito, devido ao uso arraigado da palavra no léxico do seu tempo, e continuará por isso a utilizá-la nas suas obras.

Entende-se que o autor não tenha por objetivo dedicar o seu estudo a conhecer a essência das almas do homem ou dos animais, pois, tal como refere no início, elas são e serão sempre tão desconhecidas como a essência da matéria dos corpos. Para La Mettrie, ter por objetivo estudar a alma separada do corpo é tão inconcebível como pretender estudar a matéria abstraída das suas formas: na verdade, tais essências são totalmente inalcançáveis para nós, dado que são completamente inacessíveis aos nossos sentidos.

Assim, o seu método passará pela análise das propriedades da alma através das manifestações da mesma na substância dos corpos materiais, sobretudo nos corpos organizados, uma vez que, por um lado, a matéria é a única coisa à qual os nossos sentidos têm acesso, e que, por outro, os sentidos são os únicos que nos podem conduzir à verdade. Em suma, La Mettrie pretende estudar a alma através dos seus efeitos.

Em *l'Homme machine* sustentará que o homem, sendo semelhante a um animal, não é adequadamente descrito a não ser pelo conceito de *máquina* e que não necessita a não ser de leis deterministas para ser explicado, uma vez que é um produto da natureza programado para sobreviver.

## **I.2. A recondução da alma à matéria**

La Mettrie considera que só se pode estudar a alma através dos seus efeitos, ou seja, através das propriedades manifestadas nos corpos. Os guias para esse estudo são, como indicámos, apenas os sentidos, pois por eles se tem acesso às manifestações da alma nos corpos, e devemos reconhecer que jamais acederemos à sua essência.

Embora em *l'Homme machine* o autor rejeite o périplo feito por todos os outros autores anteriores a si<sup>21</sup>, nas primeiras páginas da *Histoire naturelle de l'âme*, La Mettrie aceita e partilha a convicção da grande maioria dos filósofos modernos que estudaram a matéria atentamente em si mesma, independentemente das formas que a constituem, e que sustentaram que esta possuía diversas propriedades derivadas de uma essência absolutamente desconhecida<sup>22</sup>. Tais propriedades ou atributos são, por um lado, a capacidade de receber diferentes formas, através das quais pode adquirir a força motriz e a faculdade de sentir e, por outro, a matéria extensa ou extensão, que é fonte das propriedades mecânicas passivas, a saber: a situação espacial, a dimensão, o volume e o repouso.

Para o autor é muito claro – a experiência assim o demonstra – que o nada não gera nada, ou que do nada não vem coisa nenhuma, e por isso é muito claro também que todas as propriedades que se podem observar na matéria revelam que existe uma entidade que lhes subjaz, que é permanente e que é material. É essa entidade permanente material que adquire uma determinada forma. Uma vez adquirida essa forma determinada, além de adquirir a faculdade motriz e de sentir, essa entidade subjacente poderá adquirir outras formas sucessivas, obedecendo a leis que a organizam num determinado corpo.

O conceito de forma no contexto filosófico de La Mettrie remete para uma estrutura da matéria, sujeita eventualmente a algumas modificações, modificações essas que a matéria pode receber. Essas modificações recebem o ser ou a existência da própria matéria em si, tal como a impressão de um carimbo é recebida pela cera que ele modifica. La Mettrie considera-a como um atributo, uma propriedade essencial da matéria, e não como a essência da matéria, opondo-se desta forma frontalmente a Descartes, que considerava a extensão como a característica definitória ou essencial da matéria.

Para La Mettrie, além das formas passivas da matéria, dependentes da extensão, existe uma forma ativa que adquire um papel muito importante. Ela é a forma ativada ou potência motora, que dota a matéria da capacidade de se mover (manifestação de vida), sendo por via dela que a matéria produz todas as formas que ela mesma recebe.<sup>23</sup> Afirma

---

<sup>21</sup> Cf. HM, OP, 14 : « Prenons donc le bâton de l'expérience, et laissons là l'histoire de toutes les vaines opinions des Philosophes. »

<sup>22</sup> Cf. HNA, 5, 6 : « Tous les philosophes qui ont attentivement examiné la nature de la matière, considérée en elle-même indépendamment de toutes les formes qui constituent les corps, ont découvert dans cette substance diverses propriétés, qui découlent d'une essence absolument inconnue. »

<sup>23</sup> Cf. HNA, 17 : « Cela posé : si la matière est quelquefois forcée de prendre une certaine forme, et non telle autre, cela ne peut venir de sa nature trop inerte ou de ses formes mécaniques-passives dépendantes

La Mettrie que, se a matéria adquire uma determinada forma e não outra, a força motriz não poderá ser uma consequência das características mecânicas passivas que dependem da extensão, mas terá que derivar de uma forma ativa capaz de realizar o anterior, ou seja, terá que derivar da força motriz (vida).

Para reforçar esta ideia, o autor socorre-se da argumentação dos antigos filósofos. Estes, segundo La Mettrie, estavam persuadidos de que não havia nenhum corpo sem uma força motriz. Consideravam a substância dos corpos como um composto de dois atributos, a saber, a capacidade de se mover e a capacidade de ser movido. Esses dois atributos parecem ser tão interdependentes que Cícero, refere o autor, diz o seguinte:

« (...) dit que l'un et l'autre se trouve l'un dans l'autre ; ce qui rend fort bien l'idée des anciens. » (HNA, 20)

Ora, La Mettrie considera evidente que, se existe um princípio ativo, deverá existir na essência desconhecida da matéria uma outra força para além da extensão, o que confirma que a simples extensão não esgota toda a essência ou forma metafísica da substância dos corpos, pois, se assim fosse, ficaria excluída toda a atividade da matéria. É esse o ponto crucial da sua tese, conseguir provar que a matéria deverá ser considerada tanto como uma substância passiva, no caso da extensão, quanto como uma substância ativa, quando se tem em conta o movimento (a vida); ambas se entendem como potências da substância dos corpos.

Relativamente a este assunto, observa La Mettrie, os filósofos antigos chegaram precisamente à mesma conclusão a que ele próprio chegou, ao salientar que nada mais se observa do que a própria substância de um corpo que se move a si mesmo, não podendo, por isso, provar-se ou conceber-se qualquer outra substância que atue sobre a substância que se move em primeira mão. La Mettrie considera as formas substanciais como propriedades da matéria, sendo a matéria o substrato dessas formas. O autor explica que os antigos deram o nome de *alma* à forma substancial, considerada como princípio de vida.

A matéria deverá ser considerada, portanto, quer como um princípio ativo, possuindo dentro de si mesma a força de se mover (vida) e de ser a causa imediata de todas as leis do movimento, quer como um princípio passivo, por possuir em si em

---

*de l'étendue mais d'une nouvelle forme (...), c'est la forme activée ou la puissance motrice ; la forme, je le répété, par laquelle la matière produit celles qu'elle reçoit. »*

potência todas as formas que poderá vir a adquirir. Se, tal como afirmou Aristóteles, a matéria é a mãe de todas as formas, é-o, sustenta o autor, apenas pela sua união com a força motriz ou movimento que a eleva à dignidade de corpo.

Tendo ficado estabelecido, segundo La Mettrie, que a matéria dos corpos organizados possui extensão e vida (força motora) como atributos próprios, segue-se a argumentação filosófica para provar que a matéria tem um terceiro atributo, que é a faculdade de sentir.

Todos os filósofos antigos reconheceram este atributo, argumenta o autor, até Descartes, o qual, para escapar à sua intrincada teoria, teve que considerar os animais como máquinas. Trata-se de conclusão tão risível, considera La Mettrie, que não se dará ao trabalho de a refutar.

*« "que les bêtes sont de pures machines." Une opinion si risible n'a jamais eu d'accès chez les philosophes que comme un badinage d'esprit, ou un amusement Philosophique. C'est pourquoi nous ne nous arrêterons pas à la réfuter. »*  
(HNA, 30, 31)

No entanto, mais tarde La Mettrie irá desenvolver e ampliar esta ideia de Descartes: com efeito, se o homem é em tudo semelhante ao animal, apenas possuindo um maior grau de complexificação, o homem não é mais do que um animal; e, se o animal é uma máquina, então o homem é uma máquina.

*« Il est vrai que ce célèbre philosophe s'est beaucoup trompé, et personne n'en disconvient. Mais enfin il a connu la nature animale ; il a le premier parfaitement démontré que les animaux étaient de pures Machines. Or après une découverte de cette importance, et qui suppose autant de sagacité, le moyen sans ingratitude, de ne pas faire grâce à toutes ses erreurs ! »* (HM, OP, 71)

O ponto de partida de La Mettrie é que não observamos senão na matéria e, mais ainda, na matéria organizada dos corpos organizados, a faculdade de sentir, a saber, sensações e sentimentos. Pode-se comprovar a existência dessas sensações e sentimentos pela observação tanto nos homens como nos animais. Elas manifestam-se através de sinais. Esses sinais constituem uma linguagem própria e comum a ambos. Assim, a expressão mais apropriada dos sentimentos não é a palavra, mas sim a linguagem da

afetividade, que é uma comunicação de sons produzidos quando há, por exemplo, dor ou prazer, universalmente reconhecidos pelos animais e pelo homem.

O que há de comum na produção mecânica de sons são os órgãos dos sentidos que, sendo semelhantes anatomicamente e na sua utilização, corroboram o facto de a faculdade de sentir existir tanto nos animais como nos homens.

Tanto na *Histoire naturelle de l'âme* como em *l'Homme machine*, La Mettrie admite ignorar a resposta à indagação sobre se a matéria tem em si a faculdade de sentir, ou somente a potência de a adquirir mediante as modificações operadas através das formas organizadas que recebe, mas está determinado a não avançar mais além da observação experimental, pois esse passo não é admissível no seu sistema filosófico<sup>24</sup>.

É à própria matéria já modificada pelas formas recebidas, ou seja, já sob o aspeto de um corpo organizado e dotada de órgãos dos sentidos, que se deve atribuir a produção de sensações, que são depois detetadas pelo ser dotado da faculdade de sentir. Segundo o autor, deu-se o nome de *órgãos dos sentidos* aos órgãos desenhados pela natureza para fazer nascer as sensações. Nos animais tudo depende da diversidade da organização da matéria; neles as sensações são “sentidas” no cérebro, lugar da alma sensível. No entanto, mais do que identificar qual o lugar da alma sensível nos corpos organizados, o autor pretende mostrar que o cérebro é aquilo a que se chama *alma sensível*, por ser o lugar que sente a sensação produzida nos órgãos dos sentidos.

A alma, ou cérebro, só conhece ou sente a partir do momento em que é afetada pelos sentidos ou sensações. As sensações são modificações dos seres sensíveis no seu corpo organizado, e a sua causa é independente da alma considerada como princípio espiritual. Assim, o conteúdo das sensações é estritamente material e limitado. Afeta quem as padece num determinado e preciso momento; trata-se de um tipo de conhecimento limitado, não de um conhecimento abstrato. Uma sensação não gera um conceito. A sensação é o objeto a ser conhecido apenas de um ângulo determinado, o da sensação que nos provoca. Temos consciência do valor imperfeito deste tipo de conhecimento. Assim, conclui que as sensações mais do que existirem para que homem adquira conhecimento, existem para a conservação da máquina que cada um de nós é.

---

<sup>24</sup> Cf. HM, OP, 68 : « *Je suis donc tout aussi consolé d'ignorer comment la matière, d'inerte et ample ; devient active et composée d'organes, que de ne pouvoir regarder le Soleil sans verre rouge.* »

Uma experiência que ilustra esta afirmação é a que se tem ao observar um homem adormecido. Nessas circunstâncias, ele carece de sensações e também de conhecimento.

Para ilustrar esta observação, La Mettrie evoca a analogia, idealizada por autores anteriores, existente entre a alma e o pêndulo de um relógio. No relógio todas as peças estão dependentes da cadência do pêndulo e, no entanto, o pêndulo do relógio não funcionaria se não fosse percutido pelo martelo; se não fosse percutido pelo martelo, o pêndulo ficaria isolado de todas as outras peças do relógio.

A partir do que anteriormente foi referido, La Mettrie sente-se autorizado a concluir que, uma vez que a alma afeta o corpo e que o corpo afeta a alma, corpo e alma não podem ser diferentes, terão que ser um só e ambos redutíveis à materialidade.

A alma sensitiva é, portanto, puramente material, podendo ser reconduzidas todas as faculdades que dependem da alma sensitiva à matéria. Ela age em virtude da sua própria força motriz, que, como se observou, é uma atividade coessencial à matéria.

*« Mais puis que toutes les facultés de l'âme dépendent tellement de la propre Organisation du Cerveau et de tout le Corps, qu'elles ne sont visiblement que cette Organisation même ; voilà une Machine bien éclairée ! »* (HM, OP, 54)

A mais importante faculdade corporal, segundo La Mettrie, é o instinto<sup>25, 26</sup>. Se as sensações podem ser consideradas como modificações corporais produzidas pelos órgãos dos sentidos, o instinto não é mais do que uma modificação corporal, desta feita puramente mecânica, automática. Apesar de se tratar de uma modificação simples, a verdade é que a razão não consegue explicar como se produzem todas esses movimentos e operações que operam no instinto. Cada animal tem o seu sentimento próprio e a sua forma de o exprimir, que se ajusta mais propriamente a um instinto. Uma vez que os animais têm poucas ideias, dispõem também de poucos termos para as exprimir, bastando-lhes a linguagem afetiva.

Qual é a grande diferença entre a faculdade de discernir dos homens e a dos animais? Nenhuma, simplesmente os animais fazem-se entender de forma silenciosa com sinais perceptíveis entre indivíduos da mesma espécie, enquanto o homem faz-se entender

---

<sup>25</sup> Cf. HNA, 143 : « *L'instinct consiste dans des dispositions corporelles purement mécaniques qui font agir les animaux sans nulle délibération, indépendamment de toute expérience, et comme par une espèce de nécessité, cependant, (ce qui est bien admirable) de la manière qui leur convient le mieux pour la conservation de leur être.* »

<sup>26</sup> Cf. HNA, 149, 150 : « *Tout vient donc de la seule force de l'instinct, et la monarchie de l'âme n'est qu'une chimère.* »

por meio de sons. Para La Mettrie será necessário ter pouco bom senso para recusar admitir que os animais têm conhecimentos.

Relativamente à capacidade de leitura e escrita presente no homem, La Mettrie afirma que é através da repetição que chegamos a conseguir entender a palavra oral e a escrita: tal como um pássaro aprende a cantar porque está atento aos sons, assim o homem aprende a ler, pelo mesmo processo de treino.

Com base neste pressuposto, se o autor continuar a analisar os atos da alma humana, e chegar eventualmente a encontrar algum ato imaterial, será obrigado a concluir que a alma é forçosamente um princípio imaterial. No entanto, dado que o estudo conta apenas com os dados dos sentidos e não avança para além deles, La Mettrie apenas deteta atos materiais, como, por exemplo, a produção e reprodução de sons.

La Mettrie infere que a alma racional atua sempre apenas como alma sensível, mesmo que reflita e trabalhe para organizar ideias, uma vez que *examinar* atentamente não é mais do que *sentir* mais exatamente e de forma mais clara, para descobrir nas sensações as perceções sensíveis que tocam a alma. Assim que a alma percebe distinta e claramente um objeto, ela é forçada pela evidência das sensações a aceitar passivamente as verdades que tocam vividamente a alma, e fá-lo de uma forma puramente maquinal. Ou seja, o juízo não é mais do que a aquisição de uma verdade pela evidência das sensações, dependendo apenas da capacidade de receber sensações, portanto, da boa qualidade da matéria que produz uma tal clarividência sobre um determinado objeto, que o sujeito do juízo adere à verdade revelada pelo objeto de forma maquinal. Tais impressões dos corpos exteriores são verdadeiras causas físicas das nossas ideias.

A aquisição de uma verdade é algo passivo, uma vez que a alma cede à verdade das coisas através da evidência que acompanha as sensações. O pensamento não é algo essencial, mas sim um acidente da matéria, o resultado de uma perceção ou de uma determinação maquinal<sup>27, 28</sup>.

O autor refere que os filósofos antigos consideravam que o mundo das ideias era o mundo intelectual próprio da alma racional humana, residindo aí a superioridade da alma racional sobre a animal. No entanto, ao tentarem perceber a razão pela qual uns

---

<sup>27</sup> Cf. HNA, 89 : « *Ces impressions des corps extérieurs sont donc la vraie cause physique de toutes nos idées.* »

<sup>28</sup> Cf. HM, OP, 11 : « *L'excellence de la raison ne dépend pas d'un grand mot vuide de sens (l'immatérialité) ; mais de sa force, de son étendue, ou de sa clairvoyance.* »

homens eram mais inteligentes do que outros, tendo observado como qualquer tipo de alteração no corpo produzia uma alteração na alma, por vezes levando homens inteligentes a tornarem-se imbecis, chegaram à conclusão de que a referida diferença resultava apenas da organização corporal, mais perfeita nuns do que nos outros, e não derivava da natureza da alma em si. Assim, infere La Mettrie, se um homem tem uma maior capacidade de ideias é porque o seu cérebro tem uma maior capacidade física para as abarcar, sendo aí que reside verdadeiramente a superioridade do homem. Dito de outro modo, é a organização dos corpos e dos órgãos que explica o pensamento.

Em *l'Homme machine* relaciona inclusivamente a agressividade animal com o tamanho do cérebro e o instinto, de tal modo que, a partir das observações, estabelece inclusivamente uma escala. Quanto maior for a ferocidade de um animal menor é o tamanho do seu cérebro. Pelo contrário, a um maior cérebro corresponde uma menor ferocidade.<sup>29</sup> Para o autor, isto prova, no mínimo, a necessidade de uma boa organização para que o cérebro adquira força.

É importante a observação de que as operações da alma se interrompem logo que as sensações são suspensas; é o que se pode observar, por exemplo, nas doenças do cérebro, que podem levar um homem muito inteligente a ficar destituído dessa capacidade; ou ainda no caso de um homem adormecido, no qual a alma fica eclipsada, não se observando nenhum sinal dela. Estas observações permitem a La Mettrie concluir que as operações intelectuais dependem de tal forma da faculdade de sentir que a alma jamais executaria as funções intelectuais sem essa faculdade.

Não existe, assim, distinção entre a alma racional e a sensível; nem entre a alma e a matéria ou ainda entre a alma e o corpo que ela habita: todas essas realidades são a mesma coisa. O autor afirmará em *Histoire naturelle de l'âme* que a alma mostra constantemente, não o pensamento, que considera que é algo accidental à matéria, mas sim a atividade da sensibilidade<sup>30</sup>. Assim, para o autor, as operações da alma não são mais do

---

<sup>29</sup> Cf. HM, OP, 23, 24 : « Je conclurai seulement ce qui s'ensuit clairement de ces incontestables observations, que plus les Animaux sont farouches, moins ils ont de cerveau ; 2° que ce viscère semble s'agrandir en quelque sorte, à proportion de leur docilité ; 3° qu'il y a ici une singulière condition imposée éternellement par la Nature, qui est que, plus on gagnera du côté de l'Esprit plus on perdra du côté de l'instinct. »

<sup>30</sup> Cf. HNA, 100 : « Mon âme montre constamment, non la pensée, qui lui est accidentelle, quoi qu'en disent les Cartésiens, mais de l'activité et de la sensibilité. Voilà deux propriétés incontestables reconnues par tous les philosophes qui ne se (ont point laides aveugler par l'esprit systématique, le plus dangereux des esprits). »

que sentimentos e estes não são mais do que efeitos acidentais derivados de causas segundas, que têm o mesmo poder que as causas primeiras. As operações intelectuais existem pelo facto de os órgãos dos sentidos serem tocados pela realidade material que os envolve, ou seja, são produzidas pelos sentidos. São os próprios órgãos dos sentidos que ocasionam as sensações que os afetam. Uma analogia que o ajudará a explicar o fenómeno da linguagem é a da corda de um violino. Assim, tal como a corda de um violino estremece e devolve um som quando é friccionada, também as cordas do nosso cérebro devolvem um som quando estimuladas a interpretar uma sensação ou a repetir as palavras que as tocam.

La Mettrie refere-se aos movimentos da alma como estados fisiológicos diretamente relacionados com os sentidos. Assim, o autor atribui a mesma significação às causas segundas e às causas primeiras. Desta forma, não é a alma que move o corpo, mas sim a alma que espera pelo impulso da matéria. Assim, a alma é movida pela matéria e não o contrário. Sendo La Mettrie um médico, é compreensível que a sua filosofia esteja preocupada com assuntos de saúde, que se detenha em observações e argumentos relacionados com temas de saúde. Para tentar comprovar as afirmações antes referidas, o autor serve-se da observação empírica de que a inteligência de um homem diminui com a idade. Ainda outra observação importante é a de que a alma segue tanto o progresso do corpo, como ocorre na situação anteriormente referida, como segue o progresso conseguido graças à educação.

Aristóteles definiu o homem como um ser que fala e um animal político e, portanto, o que definiria a espécie humana seria a sua capacidade de falar, traduzida na linguagem. La Mettrie considera a linguagem uma mera articulação de sons que torna os animais da mesma espécie capazes de se entenderem. As palavras não veiculam um sentido e muito menos expressam a essência das coisas, são apenas sinais sonoros unidos a sinais visuais, que não pressupõem conhecimento ou pensamento. Uma vez que os progressos naturais são, para La Mettrie, unicamente devidos à organização da matéria e que os órgãos da fala são tão semelhantes entre os diferentes animais, incluído o homem, é razoável pensar que se poderia ensinar um macaco a falar.

Para La Mettrie tal possibilidade ficou provada quando J. C. Amman desenvolveu um método através do qual tornou possível ensinar surdos-mudos a falar<sup>31</sup>. Libertando os

---

<sup>31</sup> Cf. HNA, 354-370.

órgãos da fala, foi possível dotar um surdo de ideias, de pensamento. La Mettrie argumenta que seguramente, através desse mesmo método, se poderiam ensinar animais como os orangotangos a falar e, dessa forma, ficaria provado que a linguagem dos animais e dos homens é mero fruto da educação<sup>32, 33</sup>. Dando um passo mais, sustenta que, visto que não se pode provar o contrário, por falta de evidências experimentais, tal possibilidade deve ser tida como verdadeira.

É esta uma das razões que levará La Mettrie a afirmar que não existe uma transição abrupta dos animais ao homem, mas sim uma gradação na complexificação da matéria, sendo as necessidades que o corpo experimenta a força motriz que induz a organização da matéria. Entre os primeiros homens, foram os mais bem organizados pela natureza, ou seja, aqueles que tinham um sentimento ou instinto mais requintado, que falaram primeiro e ensinaram os outros a falar. La Mettrie, em *l'Homme plante*, invoca a *necessidade* para explicar o início do pensamento:

*« Plus un corps organisé a de besoins, plus la Nature lui a donné de moyens pour les satisfaire. Ces moyens sont les divers degrés de cette sagacité, connue sous le nom d'instinct dans les Animaux, et d'âme dans l'homme. Moins un corps organisé a de nécessités, moins il est difficile à nourrir et à élever, plus son partage d'intelligence est mince. Les êtres sans besoins, sont aussi sans esprit : dernière loi qui s'ensuit des deux autres. »* (HP, OP, 262)

Em *l'Homme machine*, La Mettrie apresenta o espírito como o resultado do uso abusivo dos órgãos dos sentidos e considera que o adestramento mecânico destes órgãos desenvolve o que chamamos capacidades humanas<sup>34</sup>. Compara a capacidade de realizar demonstrações matemáticas por parte de um matemático com o adestramento de um macaco. A educação é um mecanismo que se reduz a operar a passagem de sons que partem de uma boca e chegam a uma orelha, num ser que ao mesmo tempo recebe a

---

<sup>32</sup> Cf. HM, OP, 38 : « Si l'organisation est un mérite, et le premier mérite, et la source de tous les autres, l'instruction est le second. »

<sup>33</sup> Cf. HM, OP, 29 : « Rien de si simple, comme on voit, que la mécanique de notre éducation ! Tout se réduit à des sons, ou à des mots, qui de la bouche de l'un, passent par l'oreille de l'autre, dans le cerveau, qui reçoit en même temps par les yeux la figure des corps, dont ces mots sont les signes arbitraires. »

<sup>34</sup> Cf. HM, OP, 29 : « Un Géomètre a appris à faire les démonstrations et les calculs les plus difficiles, comme un Singe à ôter, ou mettre son petit chapeau, et à monter sur son chien docile. Tout s'est fait par des signes ; chaque espèce a compris ce qu'elle a pu comprendre ; (...). »

figura de corpos aos quais arbitrariamente são atribuídas palavras, que não são mais do que sinais arbitrários. E, tal como acontece com as cordas de um violino, que, quando friccionadas pelo arco, produzem sons, assim o cérebro repete os sons que o atingem. É através da linguagem que a alma pode descodificar os relatórios recebidos pelas sensações. Se, para La Mettrie, a organização é o primeiro mérito do homem, o segundo é a educação, que, como se indicou, não passa de um processo mecânico.

Como víamos, em *l'Homme plante*, La Mettrie afirma que a inteligência foi dada aos animais de acordo com as suas necessidades. Tendo o homem muito mais necessidades do que as plantas e do que os outros animais e menos instinto para satisfazer essas necessidades, a natureza dotou-o de infinitamente mais inteligência. Trata-se, em seu entender, de uma grande descoberta: a da existência de uma ligação entre a organização dos órgãos, a produção de necessidades e a inteligência, entendida como uma adaptação da matéria à satisfação de necessidades, quando o animal tem uma fraca dotação instintiva. Se as nossas necessidades são uma consequência necessária da estrutura dos nossos órgãos, é também óbvio que a nossa alma é determinada pelas nossas necessidades. Aliás, ela é tanto mais inteligente quanto mais necessidades tem de satisfazer.

Ora, numa comparação entre as plantas, os animais e o homem, considerados como membros de uma escala, em que o homem está no extremo superior e as plantas no extremo inferior, La Mettrie conclui que a inteligência seria supérflua para as necessidades que tem uma planta, e por isso a planta não é inteligente, não tem alma. Já o animal, embora tenha mais necessidades do que as plantas, é dotado de forte instinto para satisfazer essas necessidades, e por isso também não precisa da inteligência. Pelo contrário, o homem, tendo, como se referiu anteriormente, infinitamente mais necessidades, mostra ter muitíssimo mais inteligência. Qual a razão? A explicação é que não possui instinto suficiente para satisfazer essas necessidades. A observação conduz assim a afirmar que existe uma gradação suave na complexificação da matéria, que a essa complexificação corresponde um aumento de necessidades e que a menos instinto corresponde mais inteligência, ou seja, mais alma.

O homem é semelhante ao animal: assim o atesta a anatomia comparada dos nossos órgãos. O que nos distingue? Essencialmente duas coisas: o maior número de necessidades a satisfazer, resultante de uma maior organização da matéria, e a nossa menor dotação instintiva. Como é que a natureza colmata esta dificuldade? Dotando o

homem de pensamento. Assim, constituindo a organização da matéria uma primeira vantagem do homem, a segunda é a instrução.

Há, portanto, uma proporcionalidade direta entre necessidades e pensamento, ao mesmo tempo que existe uma proporcionalidade inversa entre instinto e pensamento. O que complexifica a matéria? A organização e a funcionalidade dos órgãos. As necessidades do organismo são efeito dessa complexificação, dessa auto-organização da matéria. Quanto mais necessidades tem o organismo mais meios requer para as satisfazer, sendo o meio por excelência o instinto. A um ser como o humano, paradoxalmente com muitas necessidades e pouco instinto, a natureza dotou-o de pensamento, o qual faz as vezes do instinto<sup>35</sup>.

Assim, o que produz o pensamento é o aumento das necessidades de um organismo e uma simultânea diminuição do instinto. Tal como já foi referido, para La Mettrie, a falta de instinto é colmatada pela natureza com o pensamento. A única objeção que o autor perspectiva que lhe poderão fazer é o facto de o ser humano precisar de muito mais tempo para estar apto a viver de forma independente, coisa que não acontece nas outras espécies animais. A questão também se resolve facilmente com os números. Quanto maior percentagem de tempo passa um animal no útero materno e menos tempo exterior lhe corresponda viver, mais apetrechado de instinto terá de estar à nascença. É uma questão de percentagem de tempo intrauterino *versus* tempo médio de vida da espécie.

La Mettrie ilustra com muitos argumentos o que entende ser a sua grande descoberta, a saber, que a forma como a natureza colmata a falta de instinto para a satisfação das necessidades de um organismo organizado é dotando-o de pensamento. Já saber o que é exatamente o pensamento é algo que nos está vedado, uma vez que não fomos dotados da capacidade de chegar até à origem das coisas, devido à limitação da razão. A diferença entre os seres é apenas de grau de complexidade e não de essência<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> Cf. HP, OP, 269 : « *C'est par cette seule manière d'envisager les choses, qu'on peut s'assurer que l'Homme non seulement n'est point entièrement une Plante, mais n'est pas même un Animal comme un autre. Faut-il en répéter la raison ? C'est qu'ayant infiniment plus de besoins, il fallait qu'il eût infiniment plus d'esprit.* »

<sup>36</sup> Cf. HM, OP, 68, 69 : « *Qu'on m'accorde seulement que la matière organisée est douée d'un principe moteur, qui seule la différencie de celle qui ne l'est pas (eh ! peu ton rien réfutera l'observation la plus incontestable ?) et que tout dépend dans les animaux de la diversité de cette organisation, comme je l'ai allez prouver ; c'en est assez pour deviner l'énigme des substances et celle de l'homme. On voit qu'il n'y en a qu'une dans l'Univers, et que l'homme est la plus parfaite.* »

Sempre que se refere a necessidades, fá-lo relativamente àquelas que servem para a conservação da espécie. Tudo no homem se reduz a necessidades e instintos que o levam à conservação da sua espécie, como acontece aliás em todos os outros animais. Por essa razão se entende que a inteligência, segundo La Mettrie, serve apenas para satisfazer esse único tipo de necessidades que tem a espécie humana. Assim, não sendo as faculdades da alma mais do que o reflexo da organização do corpo, La Mettrie considera que o homem é uma máquina puramente material e que a alma é a parte material sensível do cérebro, que pode ser olhado como sendo o recurso principal do todo mecânico que o homem é. A alma, ou seja, as operações do espírito, não é mais do que um simples atributo do corpo e coincide com o cérebro.

## Capítulo II – O pensamento de La Mettrie

Na obra *l'Homme machine*, La Mettrie apresenta duas conclusões de extrema importância. A primeira é que no universo não existe mais do que um tipo de organização da matéria; a segunda é que não existe mais do que um tipo de substância, e que essa substância é modificada de formas muito diversas, dando origem a todos os corpos organizados que conhecemos.

« On voit qu'il n'y en a qu'une (type d'organisation) dans l'Univers, et que l'Homme est la plus parfaite. » (HM, OP, 69)

« (...) qu'il n'y a dans tout l'Univers qu'une seule substance (matérielle) diversement modifié (...) » (HM, OP, 79)

São teses que claramente se apresentam como uma alternativa ao dualismo cartesiano, reduzindo-o a um monismo corpóreo.

Em *Histoire naturelle de l'âme*, La Mettrie ainda manterá a ideia da existência de uma alma sensitiva comum aos animais e aos homens, mas é uma tese que desaparecerá totalmente em *l'Homme machine*, onde vai argumentar que o homem é um ser meramente material, uma vez que a sua alma é, afinal de contas, também exclusivamente material, tal como a dos animais, tendo o ser humano um funcionamento puramente mecânico. O homem não é, para este filósofo, mais do que um efeito mecânico da auto-organização da matéria.

Assim, a recondução da alma humana à matéria torna possível igualar o homem a uma máquina, alargando La Mettrie ao homem o paradigma mecanicista que Descartes tinha proposto para os animais.

Da leitura das obras antes referidas – *Histoire naturelle de l'âme*, *l'Homme machine* e *l'Homme plante* – parece depreender-se com alguma clareza a estrutura do sistema do materialismo proposto por La Mettrie. Assim, parece-nos ter encontrado seis máximas ou postulados, que fixam os limites das questões que podem ser levantadas com legitimidade na busca da verdade, e que fundamentam cada juízo dedutivo. Estes postulados excluem a incerteza do pensamento filosófico em La Mettrie e têm a função de neutralizar todos os enigmas metafísicos que possam surgir no decurso da busca da verdade.

Elencam-se os seis postulados seguintes:

Primeiro: A essência da alma é inacessível.

Segundo: A essência da matéria é inacessível.

Terceiro: A essência do movimento (vida) é inacessível.

Quarto: A essência da natureza é inacessível.

Quinto: As causas finais, se existirem, são inacessíveis, sendo possível afirmar que as causas segundas têm o mesmo efeito que as causas primeiras.

Sexto: O sujeito das operações da alma é inacessível.

Serão, de seguida, apresentadas as citações que permitiram a exposição das ideias acima descritas. Elas encontram-se dispersas pelas suas variadas obras e, em concreto, podem ser encontradas na *Histoire naturelle de l'âme, l'Homme machine* e *l'Homme plante*.

« *L'essence de l'âme de l'homme et des animaux est, et sera toujours aussi inconnue, que l'essence de la matière et des corps.* » (HNA, 2)

« *La Nature du mouvement nous est aussi inconnue que celle de la matière.* » (HM, OP, 68)

« *Ne nous perdons point dans l'infini, nous ne sommes pas faits pour en avoir la moindre idée ; il nous est absolument impossible de remonter à l'origine des choses.* » (HM, OP, 49)

« *Qu'un moderne a bien raison de dire qu'il n'y a que la vanité seule, qui ne tire pas des causes secondes, le même parti que des premières !* » (HM, OP, 14)

« *Arrêtons-nous à contempler la différente docilité des animaux. Sans doute l'analogie la mieux entendue conduit l'esprit à croire que les causes dont nous avons fait mention, produisent toute la diversité qui se trouve entre eux et nous, quoiqu'il faille avouer que notre faible entendement, borné aux observations les plus grossières, ne puisse voir les liens qui règnent entre la cause et les effets.* » (HM, OP, 25)

A partir das citações expostas, é razoável considerar que o pensamento orientador do sistema de La Mettrie pode enunciar-se, ou condensar-se do seguinte modo:

*Ou a experiência prova alguma coisa, ou o resto não prova nada.*

Quanto ao método que permite progredir no conhecimento da realidade, ele apoia-se em três momentos. Um primeiro momento é iniciado pela observação da realidade. A fidelidade a este momento leva-o a aceitar como verdadeiro somente aquilo que poder ser comprovado pela experimentação e a não adotar nenhuma tese que não possa ser comprovada experimentalmente.

Esse primeiro momento pode ser evidenciado a partir, por exemplo, das seguintes afirmações:

*« L'expérience et l'observation doivent donc seules nous guider ici. » (HM, OP, 13)*

*« Celui qui voudra connaître les propriétés de l'âme, doit donc auparavant rechercher celles qui se manifestent clairement dans les corps, dont l'âme est le principe actif. Cette réflexion me conduit naturellement à penser qu'il n'est point de plus sûrs guides que les sens. Voilà mes philosophes. » (HNA, 2, 3)*

*« Prenons donc le bâton de l'expérience, et laissons là l'Histoire de toutes les vaines opinions des Philosophes. » (HM, OP, 12)*

*« Jugeons donc par ce que nous voyons, de ce qui se dérobe à la curiosité de nos yeux et de nos recherches, et n'imaginons rien au-delà. » (HM, OP, 76)*

Um segundo momento do percurso é o recurso à analogia. Ela apresenta-se como a grande porta aberta ao conhecimento, quando todos os outros acessos à realidade foram fechados, a saber: todos aqueles que não estão apoiados na experiência.

É graças à analogia que é possível alargar o conhecimento da realidade que nos é proporcionado pela observação e experimentação.

Considerem-se as seguintes passagens de *l'Homme machine e de l'Homme plante* :

*« Nous sommes de vraies Taupes dans le champ de la Nature ; nous n'y faisons guères que le trajet de cet Animal ; et c'est nôtre orgueil qui donne des bornes à ce qui n'en a point. » (HM, OP, 75)*

*« La seule analogie du règne végétal et du règne Animal, m'a fait découvrir dans l'un, les principales parties qui je trouvent dans l'autre. Si mon imagination joue ici quelquefois, c'est pour ainsi dire, sur la table de la vérité ; mon champ de bataille est celui de la Nature, dont n'a tenue qu'à moi d'être assez peu singulier, pour en dissimuler les variétés. » (HP, OP, 252)*

*« Pour juger de l'analogie qui se trouve entre les deux principaux règnes, il faut comparer les Parties des Plantes avec celles de l'Homme, et ce que je dis de l'Homme, l'appliquer aux Animaux. » (HP, OP, 253)*

É interessante notar que em La Mettrie as analogias permitem homogeneizar diferentes níveis filosóficos de argumentação. Graças a elas, é possível nivelar, não a intensidade de mais a menos de um determinado grau comparativo, mas sim o salto de um grau inferior para um superior, criando uma homogeneidade que antes não parecia existir. Esta é, sem dúvida, uma ferramenta de extrema importância para o projeto filosófico de La Mettrie: encontrar a verdade possível, escondida na realidade patente dos corpos materiais organizados.

Assim, para este filósofo, quanto mais bem compreendida for a comparação de ideias, maior é a capacidade de ampliação posterior do conhecimento. E tal é suficiente para legitimar a passagem do “parece que é assim (...)” ao “é assim (...)”. No texto citado a continuação fica patente que o fundamento para a ligação entre as ideias e as conclusões que podemos retirar não está nas ideias consideradas em si. Esse fundamento encontra-se na associação de sentimentos interiores que possuímos e que são prévios à consideração de determinadas ideias, sentimentos esses que são totalmente alheios à ideia ou conclusão a que se chega. Por essa razão, as ideias refletem a natureza que nos rodeia, refletindo as modificações que a natureza provoca nos órgãos dos sentidos. Essas modificações são alheias ao próprio homem. Por sua vez, essas modificações dos sentidos percutem o cérebro que associa sentimentos de amor ou dor, rejeitando ou aceitando determinada verdade, rendendo-se a ela não por raciocínio, mas por clarividência. Daí que La Mettrie venha a considerar o raciocínio como um acidente da matéria.

« (...) si la notion de l'idée A, convient avec celle de l'idée B, je juge souvent qu'A et B sont les mêmes, faute de faire attention que la première notion n'est qu'une partie de l'idée, dans laquelle sont renfermées d'autres notions, qui répugnent à cette conclusion. (...) Nous avons lié deux idées par sentiment d'amour ou de haine ; nous les unissons, quoiqu'elles soient très différentes, et nous jugeons des idées proposées, non par elles-mêmes, mais par ces idées avec lesquelles nous les avons liées et qui ne sont pas des notions composants de l'idée qu'il fallait juger, mais des notions tout-à-fait étrangères et accidentelles à cette même idée. » (HNA, 306)

A analogia para La Mettrie é, sem dúvida, um verdadeiro instrumento de clarividência, de descoberta das verdades mais escondidas da natureza, mas que, no entanto, se conseguem tornar de algum modo acessíveis à nossa mente por essa via. A título de exemplo, vejamos duas analogias que se encontram na obra *l'Homme plante*.

« (...) enfin, ce qui forme la plus grande et la plus merveilleuse Analogie, c'est que les Fœtus des Plantes se nourrissent, comme Mr. Monroo l'a prouvé, suivant un mélange du mécanisme des ovipares et des vivipares. C'en est assez sur l'analogie des deux règnes. » (HP, OP, 261)

« La Terre n'est pas seulement la Nourrice des Plantes ; elle en est en quelque sorte l'ouvrière ; non contente de les allaiter, elle les habille. Des mêmes sucs qui les nourrissent, elle fait filer des habits qui les enveloppent. C'est le Corolle, dont j'ai parlé, et qui est orné des plus belles couleurs. L'homme, et surtout la Femme, on le leur en habits et en divers ornements, durant le jour ; car la nuit ce sont des fleurs presque sans enveloppe. » (HP, OP, 263)

Por último, o terceiro momento do caminho de desocultamento da ignorância permite não só ampliar o conhecimento da realidade, mas também indicar a orientação a dar no percurso de isolar o que é importante do que não é, na investigação da verdade. Esse momento é o da argumentação através da negação. O apelo à negação intervém na construção do pensamento de La Mettrie em níveis diferentes e aplica-se apenas em casos em que tal se justifique. La Mettrie considera que só este recurso, o apelo sistemático à

negação, permitirá avançar nalgum conhecimento da natureza e da verdade das coisas dentro de um quadro amplo de possibilidades.

Assim, o critério operante neste terceiro momento poderia formular-se de uma forma condensada e da seguinte maneira:

Sempre que não se possa provar algo de forma que tal coisa seja afirmada, estamos autorizados a sustentar que o contrário é verdadeiro.

Uma citação que ilustra o critério acima apresentado a seguinte que vem recolhida em *l'Homme machine*:

*« La même Mécanique, qui ouvre le canal d'Eustachi dans les sourds, ne pourrait-il le déboucher dans les Singes ? Une heureuse envie d'imiter la prononciation du Maître, ne pourrait-elle mettre en liberté les organes de la parole, dans des animaux, qui imitent tant d'autres signes, avec tant d'adresse et d'intelligence ? Non seulement je défie qu'on me cite aucune expérience vraiment concluante, qui décide mon projet impossible et ridicule; (...) » (HM, OP, 28)*

## Capítulo III: Discussão

### III.1. A argumentação de La Mettrie

A argumentação que usa La Mettrie é complexa por várias razões. Por um lado, por continuar a operar racionalmente com categorias que já recusou, como é claramente o caso da categoria *alma*. Por outro, porque pode passar rapidamente de uma analogia a outra, de um nível de comparação a outro, ou de um nível argumentativo fundado na experiência para um nível filosófico na mesma afirmação. Recorde-se, por exemplo, o modo como La Mettrie argumentou para sustentar que, através do método de Amman, se poderiam ensinar animais a falar e daí inferiu que a linguagem dos animais e dos homens é mero fruto da educação. Mas a verdade é que os homens, graças à educação, expressam ideias, relacionam conceitos, ao passo que o animal, como fruto da educação (treino), apenas repetirá sons ou ações que nada têm que ver com a abstração intelectual. Neste caso o autor nivela uma capacidade funcional – a dos órgãos dos sentidos que produzem sons – com a capacidade de abstração de que é capaz o ser humano. Uma outra dificuldade para compreender La Mettrie resulta do facto de recusar ou defender ideias que parecem opostas<sup>37</sup>. Disso é exemplo o salto que dá quando, ao assinalar o facto de que ao existir comunicação dos animais entre si e dos homens entre si, considera que essa comunicação é da mesma ordem, apenas diferindo, no caso do homem, no seu grau de complexificação. La Mettrie fixa-se unicamente no efeito da comunicação, entendida como a transmissão de uma mensagem por parte de um emissor e recebida por um recetor; isso basta-lhe para igualar as linguagens dos animais e dos homens.

Há que ter em conta ainda que La Mettrie recorre inúmeras vezes à redução ao absurdo para limitar o campo da incerteza. Este tipo de argumentação está, no entanto, perfeitamente em consonância com o seu sistema de pensamento. O seu sistema apoia-se nos seis postulados já referidos no capítulo dois, os problemas a estudar têm a sua razão de ser na observação, nos dados que resultam da experimentação, e o conhecimento progride através da analogia. Como se indicou, a analogia é o recurso que permite ampliar o conhecimento adquirido pelos sentidos. Assim, uma vez que não é possível conhecer pelas causas, o conhecimento pode progredir através da imaginação aplicada à observação dos efeitos.

---

<sup>37</sup> Cf., por exemplo, HNA, 30, 31 e HM, OP, 71.

A importância da experimentação é de tal modo grande que La Mettrie chega inclusive a afirmar que só a experiência pode provar alguma coisa e que tudo o resto não prova nada. Assim, pode afirmar-se que o maximamente cognoscível para La Mettrie é a matéria, não se podendo conhecer nada senão isso.

No entanto, a analogia, entendida como recurso ou instrumento de clarividência, entra em conflito com o papel e com a centralidade que o autor atribui à observação e à experimentação, pois com frequência as conclusões que retira por via da analogia têm como efeito nivelar o que, aos olhos da observação e da experiência, é diferente em grau.

Que a matéria é tudo é, para La Mettrie, um princípio de que parte e não uma conclusão a que chega a sua filosofia.

Todo o seu raciocínio se explica à luz do seu sistema que delimita as hipóteses de estudo e o campo das explicações. Ao mesmo tempo, é um sistema que, ao ser usado com a sua forte lógica interna, permite facilmente formular explicações de carácter quase metafísico sobre o todo, através da utilização de analogias adequadas.

O carácter orgânico do seu sistema é tal que se pode encontrar nele sempre uma correlação válida, um fundamento comum, uma analogia com o mecanismo de uma máquina programada para produzir determinadas tarefas, ou até com um organismo vivo.

Assim, uma máquina e um organismo têm algumas homologias formais. Ambos constituem unidades, as suas partes não estão apenas justapostas, mas sim integradas e subordinadas à totalidade que formam. Tanto a máquina como o organismo constituem sistemas de movimento, ou seja, conjuntos nos quais os jogos dos elementos produzem efeitos específicos. Assim, por exemplo, um relógio dá horas, um animal alimenta-se e o sistema de La Mettrie produz explicações. Todos os efeitos têm uma relação natural com uma origem, todos produzem efeitos superiores ao que produziria cada peça por separado; no sistema de La Mettrie todos são auto-suficientes e se situam no mesmo nível de ser material, só se diferenciando na complexidade da sua organização material.

Trata-se, neste sentido, de um tipo de argumentação que omite completamente a diferença essencial entre os sistemas comparados. Um relógio recebe a organização a partir de fora, uma planta, por exemplo, possui em si um princípio de auto-organização da matéria (vida); o sistema de La Mettrie recebe a sua dinâmica dedutiva do princípio inicial de que tudo é matéria, e da coordenação entre os seus seis postulados e os seus momentos de progressão do conhecimento.

Na filosofia materialista de La Mettrie, os seis postulados e os três momentos de produção de conceitos – a saber: a observação e a experimentação, a analogia e ainda a argumentação negativa, para limitar incertezas ou ainda para abrir a possibilidade de um maior conhecimento – constituem as peças ou os recursos teóricos de um sistema com uma unidade complexa e articulada que permite produzir efeitos explicativos com uma ordem de causalidade superior aos pressupostos. Isso ocorre sem dúvida, por exemplo, na questão da origem do movimento (vida) dos organismos vivos.

Um recurso argumentativo do autor é, como vimos, que, se não se pode provar que uma determinada afirmação ou hipótese é falsa, então poderá afirmar-se que é verdadeira. Este recurso argumentativo tanto serve para La Mettrie defender as suas teses como para rebater qualquer autor que afirme a existência de uma alma imaterial. Existe alguma experiência que tenha provado a sua não materialidade? Então, poder-se-á afirmar que ela é material.

Assim, estão estabelecidas as condições para se afirmar que o sistema materialista de La Mettrie pode ser analogado com um artefacto, uma máquina, ou seja, que é ele mesmo um sistema de peças (postulados e regras de inferência) coordenadas, intencionalmente colocadas para que a sua posição respectiva produza o efeito pretendido.

A título de exemplo, vejamos as considerações que La Mettrie faz em relação à linguagem. Para Descartes, a linguagem era o indicador seguro da racionalidade latente num corpo, sendo usada por todos, inteligentes ou idiotas, com ou sem problemas nos órgãos vocais, enquanto, por outro lado, nenhum animal fala.

Gunderson refere e comenta os testes que Descartes propunha para diferenciar um homem de uma máquina, ou seja, os desempenhos verbais e não verbais que tanto os animais como as máquinas podem falhar, a saber, o teste da linguagem e o teste da ação<sup>38</sup>. Descartes reduzirá, posteriormente, a possibilidade de distinguir um animal de um homem em termos de racionalidade apenas ao teste da linguagem.

Alguns homens poderão ser ou muito inteligentes ou muito torpes intelectualmente, estar privados de língua ou até de órgãos vocais. Estes últimos inventam sinais com os quais expressam os seus pensamentos, que, em muitos casos, não

---

<sup>38</sup> Cf. Gunderson, K., (1964). Descartes, La Mettrie, Language, And Machines. *Philosophy*. vol. 39, nº 149, pp. 193-222.

transmitem apenas aquilo que tem diretamente a ver com as suas necessidades e paixões, mas também o que tem a ver com o pensamento abstrato.

Já o uso de linguagem por parte dos animais é muito limitado, observa Descartes, mesmo naqueles casos em que a fisiologia é muito semelhante. Os animais não possuem habilidades de sintaxe, não podendo, por isso, fazer afirmações. Segundo Descartes, esta incapacidade por parte dos animais é devida ao facto de não possuírem uma substância pensante<sup>39</sup>.

Para La Mettrie quer o pensamento quer a linguagem são meros epifenómenos da matéria organizada. Um agregado mais ou menos complicado de outra coisa, a saber, matéria, não sendo o homem mais do que um efeito mecânico de auto-organização da matéria. La Mettrie não se detém a fundamentar em profundidade esta tese, limita-se a observar que, se tudo aquilo que se pode observar é material, também o pensamento nada mais é do que um efeito da matéria complexificada.

Uma vez que é apenas na observação e na experiência que La Mettrie funda a sua filosofia, para ele é suficiente observar que a fisiologia dos órgãos dos animais superiores é semelhante à dos homens. Por outro lado, se nenhuma experiência provou que não é possível ensinar os animais superiores a falar, isto é suficiente, em seu entender, para poder afirmar que é possível tal façanha.

No entanto, a conclusão do autor de que os órgãos da fala são muito semelhantes entre os diferentes animais, incluído o homem, baseia-se num número muito limitado de casos de imitação da fala humana, como é o caso dos papagaios. Também se poderia objetar a La Mettrie que, ainda que os papagaios imitem sons humanos, eles não fazem verdadeiras afirmações pelo simples facto de que esses sons não possuem nenhum sentido, como ocorre no caso do ser humano.

Para o papagaio o conjunto de sons não é mais do que uma repetição. Um homem pode ouvir declamar uma poesia japonesa e até conseguir repetir simplesmente a harmonia dos sons. Mas, no momento em que aprender japonês, o conhecimento adquirido acrescentará uma riqueza e uma profundidade interiores totalmente vedadas no caso de permanecer ignorante em relação à língua japonesa.

---

<sup>39</sup> Cf. Vartanian, A., (1960). *La Mettrie's L'Homme machine. A Study in origins of an idea*. Princeton University Press, New Jersey. pp. 40-56.

Para além disso, e voltando ao argumento de La Mettrie e à questão da mera reprodução dos sons, uma vez que um computador pode realizar essa mesma tarefa – no caso falar quase sem ser distinguido do ser humano –, esse facto prova acaso que não passamos nós também de meras máquinas? Que somos apenas um mero conjunto justaposto de peças numa organização mais complexa? Poderá haver uma máquina que, não deixando de o ser, aparenta ser aquilo que não é? No caso de existir, haverá alguma forma de o saber?

Para La Mettrie basta verificar que os animais conseguem comunicar uns com os outros, tal como fazem os homens entre si, não interessando saber se a natureza do conteúdo dessa comunicação é igual ou não, para equiparar a comunicação animal à do homem, considerando que a diferença que se encontra é apenas devida a um maior grau de complexificação sem significado, que não carece, por isso, de ulterior explicação.

Ora, se o pensamento for um mero produto da matéria complexificada, e uma vez que um computador é uma matéria altamente organizada e artificialmente complexificada, poderemos fazer-nos a mesma pergunta que se fez Turing. Alan Turing e John von Neumann, os fundadores da ciência moderna da computação, defenderam a possibilidade de as máquinas virem a mimetizar as capacidades intelectuais, incluindo a consciência. Os avanços recentes da Inteligência Artificial (AI) reavivaram a crença neste objetivo. No seu famosíssimo artigo de 1950, *Computing Machinery and Intelligence*<sup>40</sup>. Alan Turing propõe considerar a seguinte questão: *Can machines think?* Desde então, tem sido amplamente discutida a possibilidade da computabilidade da inteligência e da consciência humanas.

Um dos mais recentes desafios é o da transferência mental, *Mind Uploading*, que num contexto de ficção científica, constitui a possibilidade de se codificar a mente humana para depois transferir para um substrato artificial. O computador, após o processo de *Mind Uploading*, poderia executar um modelo que simularia o processamento da informação no cérebro transferido. Seria de tal ordem essa execução que responderia exatamente do mesmo modo que o cérebro original aos mesmos estímulos, tornando-se, assim, indistinguível do original.

---

<sup>40</sup> Cf. Turing, A., (1950). Computational Machinery and intelligence. *Mind*, vol. LIX, Issue 236, pp. 433-460. <https://doi.org/10.1093/mind/LIX.236.433>.

Imaginemos, nós agora, que nos preparamos para iniciar uma sessão no nosso computador portátil. É a noite anterior à alteração do fuso horário de inverno para verão. Recebemos uma notificação de que a hora mudará em x minutos. Não estávamos lembrados que era esse o momento, mas o computador enviou uma notificação e, de facto, alterou a hora do nosso portátil. No entanto, podemos suspeitar, com pouco risco de errar, que o computador desconhece a razão por detrás dessa alteração da hora. Essa alteração tem a ver com a orientação da inclinação do planeta em relação ao sol. Tem a ver com o número de horas de iluminação do planeta no seu percurso em torno do sol, que faz com que, a partir do equinócio da primavera, no hemisfério norte, a percentagem de luz diurna aumente, diminuindo em razão inversa a percentagem de tempo que se mantém na escuridão.

Cabe perguntar: o que há num conjunto complexo de neurónios que faz do ser humano um ser capaz de entender que a mudança da hora tem que ver com a conjugação da inclinação do eixo terrestre e da posição em relação ao sol, e que esse conteúdo abstrato seja desconhecido por uma peça sofisticada de eletrónica e engenharia de computadores que, ainda assim, está programada para enviar uma mensagem, que pode até parecer pessoal?

O que tem a mais o homem, se ambos são conjuntos complexificados de matéria?

Um algoritmo digital encontra-se, à partida, limitado pela sua própria definição do que é um algoritmo: uma decisão pré-determinada sob a forma de uma sequência finita de funções matemáticas que visam obter uma solução para um determinado tipo de problema. Um ser humano não é previsível como uma máquina e consegue ter raciocínios disruptivos, ou seja, interromper um determinado processo e iniciar outro que nada tem a ver com o anterior. Entre os exemplos mais famosos deste procedimento na história das ciências está o arrojado modelo heliocêntrico proposto por Nicolau Copérnico. Nada no modelo anterior continha um vislumbre da hipótese lançada por Copérnico, que acabou por ser confirmada e aceite.

Tal como a simulação computacional de uma estrela não emite calor, assim também a simulação de uma ação interna digital que mimetize uma operação algébrica não confere consciência de si a um ente digital. Portanto, ainda que uma máquina pareça, por vezes, um ser humano, ela não é um ser humano. Um ser humano ainda que possa parecer uma máquina na sua complexa organização, não o é, pois realiza operações intelectuais que não refletem regras algébricas, pode duvidar e ainda colocar hipóteses contrárias a

eventuais regras algorítmicas que tenham traduzido o seu pensamento, tal como no caso referido de Copérnico.

### III.2 O conceito de natureza

A natureza, para La Mettrie, parece não ter uma significação específica; mas, seja lá o que for, é certo que a considera material. Mais, é pura materialidade dúctil e é a origem de toda a diversidade. O que é que subjaz a todos os indivíduos e é coexistente com ele? A matéria.

Há seres materiais sem movimento, os seres minerais, e há seres materiais com movimento ou vida. Como procurar a causa deste movimento? Atribuindo a causas segundas efeitos idênticos aos das causas primeiras. Para onde remeter então a origem da vida? Para a matéria, que é o substrato necessário da vida e das suas manifestações. As manifestações observáveis têm origem na matéria e dão-se na matéria: logo, a causa da vida está na matéria.

As suas observações da realidade do que é o homem não encontraram nenhuma evidência de imaterialidade ou de heterogeneidade entre o espírito e a matéria. La Mettrie reduz o homem ao cérebro, substância tangível de cor cinzenta. E reduz ainda as operações do cérebro às operações desempenhadas pelos órgãos dos sentidos. Daqui decorre, uma vez que não há experiência que o refute, que a alma é puramente material e que, portanto, o homem é uma substância puramente material.

A causalidade da alma é substituída pelo conceito de lei fisiológica que produz resultados de ordem muito mais complexa, mas de idêntica natureza, como, por exemplo, um olho que vê e a visão de um homem. Assim, para La Mettrie, a matéria possui em si mesma um princípio de auto-organização, que vai originando novas formas, dotadas elas também de novos instintos, programados para a sobrevivência dos novos indivíduos. Por sua vez, estas novas formas vão reorganizando a matéria até chegar ao ponto surpreendente de produzir um ser com muito pouco instinto, o ser humano. No entanto, a natureza que, apesar de cega, é rica em recursos, dotou esse ser com pouco instinto de pensamento, um produto da matéria ainda mais organizada num indivíduo ao qual falta instinto de sobrevivência, permitindo-lhe assim sobreviver<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> Cf. SE, OP, 339 : « *La Nature a fait dans la machine de l'Homme, une autre machine qui s'est trouvée propre à retenir les idées et à en faire de nouvelles, comme dans la femme, cette matrice, qui d'une goutte*

A noção de natureza é de extrema importância; no entanto, La Mettrie nunca se detém a definir o que é a natureza em si mesma. A argumentação de La Mettrie para justificar essa indefinição é a redução ao absurdo. Tentar entender o conceito de natureza seria entrar no campo da metafísica, campo que para ele é o da especulação, da abstração e da perda de tempo.

La Mettrie apresenta, essencialmente, três explicações para a existência de todas as coisas. Uma é a daqueles que recorrem à existência de um Deus, como forma de ocultarem uma ignorância invencível; outra é a que atribui a existência ao acaso e a última é a que renuncia a explicar a existência da natureza e se limita a aceitá-la tal como nos aparece<sup>42</sup>. A natureza é e está à nossa frente, sem mais possibilidade de explicação, pois não temos acesso a todas as coisas escondidas no seu seio. Dado que, segundo La Mettrie, nem sequer podemos saber se a matéria foi criada ou é eterna, essa questão não se pode colocar.

La Mettrie sustenta que a natureza não dá saltos, que progride num contínuo de pequenas transformações, quase impercetíveis e sem violência. A ideia resulta atrativa mas, ao contrário do que ele próprio sustenta, a observação da natureza oferece inúmeros exemplos de saltos, de discontinuidades. Nem uma planta nem um animal têm consciência de si mesmos. Este é um salto de ordem não apenas de grau de complexificação.

### III.3 O papel da analogia

A analogia desempenha um papel crucial no sistema de La Mettrie; com efeito, tal como já foi referido anteriormente, uma vez que não podemos aspirar a conhecer as causas e que La Mettrie postula que existe uma uniformidade em tudo, podemos progredir no conhecimento das coisas encontrando relações entre os seres. A partir das semelhanças funcionais, é possível progredir na busca das dissemelhanças também funcionais e esse é

---

*de liqueur fait un enfant. Ayant fait, sans voir, des yeux qui voient elle a fait sans penser, une machine qui pense. »*

<sup>42</sup> Cf. HM, OP, 51 : « *Nous ne connaissons point la nature : des causes cachées dans son sein pourraient avoir tout produit. (...) quelle absurdité y aurait-il donc à penser qu'il est des causes physiques pour lesquelles tout a été fait, et auxquelles toute la chaîne de ce vaste univers est si nécessairement liée et assujettie, que rien de ce qui arrive, ne pouvoir ne pas arriver ; des causes dont l'ignorance absolument invincible nous a fait recourir à un dieu, qui n'est même un être de raison, suivant certains. Ainsi, détruire le hasard, ce n'est pas prouver l'existence d'un être suprême, puisqu'il peut y avoir autre chose que ne serait ni le hasard, ni dieu, je veux dire la nature. »*

o papel, a função, da analogia, ou seja, graças a ela torna-se patente a gradação da complexificação que oculta a uniformidade.

A analogia permite pensar a forma de unidade que existe entre os extremos de uma escala – a escala da vida –, sendo que esses extremos são ocupados, de um lado, pelas formas mais incipientes de auto-organização – as plantas – e, do outro, pela forma mais complexa ou mais perfeita dessa organização – o homem.

A obra em que La Mettrie aborda mais sistematicamente a analogia como forma de acesso ao estudo e à compreensão da natureza é *l'Homme plante*, uma curta obra dividida em três capítulos. O primeiro está consagrado à uniformidade da natureza e à analogia que existe entre os seus dois principais reinos e o segundo à diferença que existe entre eles. O terceiro capítulo é dedicado à descoberta feita por La Mettrie, a partir das suas observações anteriores, de que existe na natureza uma escala, uma gradação de complexificação da matéria. Uma complexificação que se faz não de forma abrupta, mas que se realiza de uma forma contínua<sup>43</sup>. Essa escala tem como ponto inicial as plantas e como ponto culminante o homem. No meio encontram-se os animais.

La Mettrie encontra na natureza ao mesmo tempo a inspiração e a confirmação das suas próprias ideias. Talvez seja essa a razão da grande importância que terá a analogia na ilustração das suas teses.

Todos os seres vivos participam gradativamente do instinto, que deste modo se transforma ele próprio numa certa espécie de universal, num conceito operativo que permite compreender toda a realidade como material.

No entanto, não parece possível integrar esta observação de La Mettrie – que o leva a afirmar a existência, a proporcionalidade e a distribuição do instinto – no seu próprio esquema explicativo dos mecanismos de sensação e conhecimento. Com efeito, a própria gradação do instinto teve de ser abstraída dos corpos organizados estudados pelo autor. Ora, essa abstração que se fixa num conceito universal – a matéria – revela uma certa transgressão do próprio método.

Em *L'Homme plante*, La Mettrie afirma que a inteligência foi dada aos animais de acordo com as suas necessidades. Tendo o homem infinitamente mais necessidades do

---

<sup>43</sup> Cf. HP, OP, 267 : « Rien de plus charmant que cette contemplation, elle a pour objet cette échelle imperceptiblement graduée, qu'on voit la Nature exactement passer par tous ses degrés, sans jamais sauter en quelque sorte un seul échelon dans toutes ses productions diverses. »

que as plantas e do que os outros animais, e menos instinto para satisfazer essas necessidades, a natureza dotou-o de infinitamente mais inteligência.

Tal como já foi referido, para La Mettrie esta é a grande descoberta, a ligação entre a organização dos órgãos, a produção de necessidades e a inteligência, entendida como uma adaptação da matéria à satisfação de necessidades, quando o animal tem uma fraca dotação instintiva. Não só as nossas necessidades são uma consequência necessária da estrutura dos nossos órgãos, como também a nossa alma é determinada pelas nossas necessidades. Aliás, ela é tanto mais inteligente quanto mais necessidades tem de satisfazer.

Ora, numa comparação entre as plantas, os animais e o homem, considerados como membros de uma escala, em que o homem está no extremo superior e as plantas no extremo inferior, La Mettrie conclui que a inteligência seria supérflua para as necessidades que tem uma planta, e por isso a planta não é inteligente, não tem alma. Já o animal, embora tenha mais necessidades do que as plantas, é dotado de forte instinto para satisfazer essas necessidades, e por isso não precisa da inteligência. Pelo contrário, o homem, tendo, como se referiu anteriormente, infinitamente mais necessidades, mostra ter muitíssimo mais inteligência. Qual a razão? A explicação é que não possui instinto suficiente para satisfazer essas necessidades.

A observação conduz assim a afirmar que existe uma gradação suave na complexificação da matéria, que a essa complexificação corresponde um aumento de necessidades e que a menos instinto corresponde mais inteligência, ou seja, mais alma.

O homem é semelhante ao animal: assim o atesta a anatomia comparada dos nossos órgãos. O que nos distingue? Essencialmente duas coisas: o maior número de necessidades a satisfazer, resultante de uma maior organização da matéria, e a nossa menor dotação instintiva. Como é que a natureza colmata esta dificuldade? Dotando o homem de pensamento<sup>44</sup>.

Tal como já foi referido no capítulo II, o método de progressão no conhecimento está apoiado, segundo La Mettrie, em três bastões, a saber: a observação da natureza e a

---

<sup>44</sup> Cf. HP, OP, 269 : « *C'est par cette seule manière d'envisager les choses, qu'on peut s'assurer que l'Homme non seulement n'est point entièrement une Plante, mais n'est pas même un animal comme un autre. Faut-il en répéter la raison ? C'est qu'ayant infiniment plus de besoins, il fallait qu'il eût infiniment plus d'Esprit.* »

experimentação, o recurso à analogia e a negação. A analogia vai possibilitar alargar o conhecimento da realidade observada, permitindo-nos concluir para lá do observado. Neste sentido, a analogia é o único aspeto da sua metodologia que não tem de estar sujeito à experimentação. Assim, o autor aceita a analogia funcional, investindo-a de um poder que a subtrai ao seu próprio pensamento originário, que, tal como já foi referido noutros locais desta dissertação, é o seguinte:

*Ou a experiência prova alguma coisa ou o resto não prova nada.*

Em La Mettrie, a analogia participa de algumas das propriedades dos seus postulados, entre elas a de estar isenta da necessidade de comprovação experimental.

O bastão da analogia permite-lhe ver plasmadas na natureza criativa todas as conclusões a que foi chegando.

Como observámos, compreender os processos da natureza é reconduzi-los à matéria e o instinto apresenta-se como um operador de alcance universal, que se deteta em diverso grau na matéria. Esta plasticidade da matéria, considerada como o único observável e certo, como pura exterioridade, permite explicar todas as transições que se encontram na realidade natural.

Tal situação conduz à descoberta das ligações e transições não abruptas entre as várias espécies, considerando um espetro que vai desde as plantas até ao homem, passando pelos animais. Uma vez que a alma foi reconduzida à matéria e que o pensamento é um mero acidente da matéria, a analogia mais poderosa para o autor é a que se observa entre a anatomia do cérebro dos homens e dos animais.

Quanto mais o animal se parece externamente com o homem mais o cérebro do animal é semelhante ao do homem e vice-versa, quanto mais o equipamento anatómico do animal é parecido com o do homem mais dispõe do que é necessário para desenvolver pensamento. La Mettrie considera, assim, que é a matéria organizada num cérebro aquilo que é necessário para o surgimento do pensamento.

O que encontra La Mettrie quando disseca um cérebro? Ideias? Não, matéria organizada. Então, se o que observa é matéria organizada, o pensamento é produzido por esta organização. O pensamento não é mais do que fibras e fluidos em movimento. A sua verdadeira essência, se acaso a tem, não nos é acessível, tal como foi explicitado anteriormente. Devido à grande semelhança anatómica entre um símio e um homem, La Mettrie não duvida que o primeiro seria capaz de falar, caso fosse ensinado, pois tem o

mesmo número de músculos que um homem, podendo assim tirar partido da educação, que acaba por ser apenas um treino. Esta dependência entre os estados da alma e a fisiologia é suficiente para aceitar que está demonstrado experimentalmente que o homem é uma máquina. A analogia permite explicar o funcionamento, mas não a génese.

Mais além da segurança física proporcionada pelos seus vários bastões – a saber, a observação e a experimentação, a analogia e a negação – La Mettrie não avança. Assim, conclui La Mettrie, a transição dos animais aos homens não foi violenta. Podemos estar a ser tão enganados nos nossos raciocínios ao olhar para um homem, como o seria um indígena que pela primeira vez contactasse com um relógio: tal como aos olhos do indígena o relógio pareceria ter vida própria, também um homem aos nossos olhos parece ter vida e pensamentos próprios.

Um relógio, sem deixar de ser uma máquina, parecerá o que não é aos olhos desse indígena que pensará que o relógio tem vida própria. Da mesma forma, o homem, parecendo ter vida própria, não deixando de ser máquina, parece o que não é. O relógio fornece um modelo para explicar cinematicamente um homem, convertendo-se assim num modelo analógico para explicar o homem segundo um princípio mecanicista. La Mettrie, ao adotar este postulado mecanicista, viu-se forçado a rejeitar a explicação – a seu ver enigmática – da existência de uma alma imaterial, princípio vital do corpo. Com efeito, a assimilação de um organismo a uma máquina conduz ao esclarecimento da organização e das funções dos viventes, da sua forma e das suas ações, pela ação de causas eficientes de ordem puramente física, encontrando nele as causas da sua existência. Mas o que distingue uma máquina de um organismo não é tanto a complexidade deste, quanto o facto de uma máquina não poder exercer as suas funções a não ser através de uma fonte de energia que se encontra fora de si mesma e, mais ainda, ao facto de a máquina não dever a existência a si mesma.

Neste sentido dizer que o homem parece uma máquina é muito diferente de afirmar que o homem é uma máquina. A diferença não é quantitativa, mas sim qualitativa.

## CONCLUSÃO

La Mettrie teve por objetivo substituir a abordagem tradicional metafísica à alma por uma abordagem meramente física. É sobre essa abordagem que constrói o seu sistema materialista, com base no qual quer chegar a elaborar uma explicação do que é o homem e da natureza da alma humana. Deste ponto de vista pode sustentar-se que há uma razão de semelhança entre a metafísica e o materialismo de La Mettrie, que permite estabelecer uma analogia entre ambos. Assim, se na metafísica o maximamente cognoscível é o ser, no pensamento de La Mettrie é a matéria na sua extensão.

A metafísica aspira a dar razão de uma gradação de ser entre os entes; no materialismo de La Mettrie há uma gradação da complexificação da matéria. No caso específico dos seres vivos, uma gradação do instinto. Se atributos da matéria, tais como a extensão, o movimento e o instinto, se encontram distribuídos de forma proporcional entre os seres vivos, então é possível, com recurso à analogia, conceber relações, por exemplo, de gradação de instinto, de gradação de movimento, e pensar que elas dão razão de uma natureza que se apresenta ao mesmo tempo como criativa e uniforme.

Não surpreende, por isso, que o materialismo de La Mettrie o leve a sustentar que há uma uniformidade em toda a natureza, isto é, que não existe qualquer tipo de descontinuidade entre a matéria inerte e a matéria viva, nem qualquer tipo de descontinuidade entre a vida animal e o pensamento humano. É a percepção desta uniformidade que constitui, segundo La Mettrie, a sua grande descoberta: ter reconduzido tudo à unidade da matéria. Onde observa diferenças, esforça-se por anulá-las, mostrando como se podem reconduzir à unidade que lhes é subjacente.

Será interessante começar por assinalar uma consideração por demais óbvia: que o homem tem uma característica singular, a saber, que quando se encontra em situações aparentemente aporéticas, consegue arranjar uma solução. A tal ponto que poderíamos definir o homem como um solucionador de problemas.

O elenco de recursos que tem um animal para resolver problemas é muitíssimo mais escasso do que o do ser humano. Os problemas que resolve são unicamente os que estão ligados às questões de sobrevivência; são problemas, portanto, por assim dizer, estereotipados. Os animais não inventam recursos. Aliás, se um dos primeiros ursos que existiu sobre a face da terra voltasse a viver numa comunidade de ursos, possivelmente

não teria problemas de adaptação<sup>45</sup>. Já um contemporâneo de La Mettrie teria de fazer um esforço considerável para se adaptar à nossa forma de vida. O homem é não só muito melhor solucionador de problemas do que o resto dos seres vivos do planeta, mas é, além disso, criador de problemas. Só o homem se pode interessar por temas que não estão diretamente ligados com mecanismos de sobrevivência. A própria obra filosófica de La Mettrie é disso uma prova. Mais, só o homem inventou a guerra, usando os recursos materiais que foi forjando. Em que sentido ou de que forma se pode encarar a guerra como uma questão de sobrevivência? Significa que na própria espécie humana se observam comportamentos que se opõem à sua sobrevivência e a ameaçam. Os motivos bélicos não se prendem necessariamente com a alimentação, ou com a reprodução. Neste sentido, a lógica da guerra humana não fica adequadamente descrita pelo mero instinto de sobrevivência, antes remete para a capacidade de criação de problemas, que vai muito para além de questões de adaptação a ambientes naturalmente hostis, como ocorre, por exemplo, na adaptação climática.

Ora, o problema do qual se ocupa La Mettrie não é um problema que tenha diretamente a ver com o instinto nem com problemas de sobrevivência. A necessidade de resolver a questão da natureza da alma humana, a preocupação de reconduzi-la ou não à matéria, não parece indiciar que a capacidade de raciocínio seja um epifenómeno da matéria, tal como vem a concluir o autor.

Será que a matéria esgota todos os recursos do que chamamos alma? Ou que todos os recursos da alma se esgotam na matéria?

Consideremos o próprio método experimental, sem dúvida uma das grandes invenções humanas para a resolução de problemas. É nele que La Mettrie se vai apoiar para resolver o problema da alma humana. Pois bem, quando se formula uma hipótese científica, ela está inexoravelmente ligada à experimentação, que é, no fundo, uma pergunta feita à realidade das coisas. Se a resposta não se adaptar ao modelo, haverá que abandoná-lo e seguir a viagem do desocultamento da ignorância construindo um modelo alternativo.

Ora, este é um ponto que importa muito clarificar: a ciência não contém em si o critério lógico para construir outro modelo ou hipótese alternativa a partir daquela que foi falseada. Toda a explicação científica é falseável, mas nenhuma explicação científica nos diz como proceder para substituir a hipótese falseada. O método científico não contém

---

<sup>45</sup> Cf. Polo, L., (1991). *Quien es el hombre*. Ediciones Rialp, Madrid, pp. 19-23.

em si o algoritmo disruptivo que permite a formulação de uma nova hipótese, ela mesma disruptiva.

Não havendo um critério discursivo para gerar hipóteses disruptivas que proponham visões mais abrangentes e que nos retirem de situações aporéticas, temos que esperar pelo aparecimento de um ser humano genial que as formule. Um exemplo ilustrativo é o da física newtoniana e o da teoria da relatividade. Não existe nada na física de Newton que indique o caminho por onde seguir; só resta esperar que venha alguém mais inteligente e que formule outra hipótese de resolução de problema: foi o que aconteceu com o não programado aparecimento do génio de Einstein. A capacidade disruptiva está na própria mente humana, não no método, que é fruto da mente humana.

Isto significa que a ciência é em si mesma contingente, que não é um modelo explicativo autossuficiente, capaz de dar as razões últimas da sua origem ou até da sua eficácia. A revolução científica deu-se porque houve uma alteração de paradigma, porque Copérnico conseguiu olhar a terra desde fora dela mesma e Galileu teve a ideia genial de apontar o telescópio na vertical e não só na horizontal. Mas porque é que houve essa alteração de paradigma? Esta é uma pergunta que não encontra resposta no interior do próprio paradigma científico. Por outro lado, a realidade não se deixa encerrar totalmente no âmbito da ciência. O facto de reconhecermos que o procedimento científico é contingente e falsificável, apesar de audaz, aponta para os limites da ciência e deve dar luzes acerca do alcance antropológico do método científico e das tecnologias que daí advêm. Ambos são limitados e não têm um princípio de inteligibilidade em si mesmos.

Também importa considerar que o próprio método experimental utiliza tecnologia que plasma a capacidade de abstração do homem, que materializa ou operacionaliza uma ideia universal. Assim, o bisturi usado por La Mettrie para dissecar tecidos animais ou humanos, em ordem à construção de uma ciência fisiológica, é bisturi não porque é usado uma só vez e casualmente para essa função, mas é reconhecido como tal por ser um instrumento com a possibilidade de realizar sempre a função para o qual foi inventado. O meio tecnológico que é o bisturi contém, plasmada em si, a ideia da sua função e, portanto, a capacidade de abstração do universal da que só é capaz uma mente humana.

La Mettrie, tal como já foi referido, quer resolver de uma vez por todas um problema que nada tem a ver com questões estereotipadas de sobrevivência, e isto apesar de afirmar que o seu é um método científico de abordar a questão da alma humana.

Neste sentido, uma análise do sistema filosófico de La Mettrie, desse sistema que o leva a enunciar, em forma de conclusões dedutivas, as teses acerca da alma humana e acerca da natureza que referimos, acaba, no entanto, por revelar que essas teses são antes os pressupostos do próprio sistema filosófico, que o sistema parte delas, e por isso as proclama em todas as etapas da sua elaboração.

No materialismo de La Mettrie existem teses essenciais ou ideias base, os postulados e o princípio, admitido igualmente sem discussão, de que tudo é material. A conjugação do anteriormente referido, quando aplicado à realidade em estudo, origina conclusões e permite confirmar essas teses de que parte como se fossem verdades às quais chega.

Pelo acima exposto, é justificável a seguinte pergunta: que resposta satisfaria La Mettrie sobre a pergunta “o que é o homem?”.

Nenhuma que à partida admitisse qualquer espécie de transcendência da matéria, uma vez que o seu sistema de pensamento se fundamenta numa ideia adotada desde início sem discussão. Essa ideia é a de que nada no homem pode ser imaterial, que é o mesmo que dizer que tudo no homem se reduz a matéria organizada e a sua origem encontra-se na matéria. Há uma explicação do corpo que não se fundamenta senão no próprio corpo. Há uma espécie de autossuficiência no sistema materialista de La Mettrie, autossuficiência que o próprio sistema atribui a si mesmo. O homem reage como um corpo sujeito às leis da dinâmica, desenvolve-se como as plantas e move-se como os animais.

« *Je vais tâcher de prouver ma thèse par des raisonnements sans répliquer.*  
» (DP, OP, xi)

No entanto, o materialismo de La Mettrie deixa completamente em aberto a pergunta: afinal quem é o homem?

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes

La Mettrie, *Histoire naturelle de l'âme*, Traduite de l'anglois de M. Charp. Par feu Mr. H\*\* de l'Académie des Sciences. A La Haye, Chez Jean Neaulme, Libraire. MDCCXLV.

La Mettrie, *Œuvres Philosophiques*. A Berlin, chez Etienne de Bourdeaux, Libraire du Roy et de la cour, MDCCLI.

### Bibliografia secundária

Campbell, B., (1970). The robot and the automaton. *Journal of the history of the ideas*, vol. 31, nº14, pp. 555-572.

Mendonça, M., (2016). La Mettrie ou a natureza sem margens. Cardoso, A., Silvério M., Mendonça, M., (orgs). *Natureza, causalidade e formas de corporeidade*. Edições Húmus, Lda. ISBN: 978-989-755-254-0.

Chapman, J., Kirkness, E., Simakov, O. *et al.*, (2010). The dynamic genome of Hydra. *Nature*, vol. 464, 592–596. <https://doi.org/10.1038/nature08830>.

Dumouchel, D., (2010). Matérialisme et unité de l'être humain : le défi du dualisme cartésien chez La Mettrie et d'Holbach. *Dialogue*, vol. 49, pp. 561-572. doi: 10.1017/S0012217310000697.

Guderson, K., (1964). Descartes, La Mettrie, Language, And Machines. *Philosophy*. vol. 39, nº 149, pp. 193-222.

Philip, H. G., (1967). The nature of man or man's place in nature? Bruno, Spinoza, and La Mettrie. *The Journal of General Psychology*, vol.76 :2, 183-192. doi: 10.100/00221309.1967.97103883.

Pichot, A., (1993). *Histoire de la notion de vie*. Éditions Gallimard.

Polo, L., (1991). *Quien es el hombre*. Ediciones Rialp, Madrid.

Turing, A., (1950). Computational Machinery and intelligence. *Mind*. vol. LIX, Issue 236, pp. 433-460. <https://doi.org/10.1093/mind/LIX.236.433>.

Vartanian, A., (1960). *La Mettrie's l'Homme machine. A Study in Origins of an Idea*. Princeton University Press, New Jersey.